



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA

CARLOS ALBERTO O. NEIVA JÚNIOR

FRODO & SAM: UMA APRESENTAÇÃO FILOSÓFICA DA VIRTUDE DA
AMIZADE NA OBRA *O SENHOR DOS ANÉIS* DE J. R. R. TOLKIEN

ANÁPOLIS

2019

CARLOS ALBERTO O. NEIVA JÚNIOR

FRODO & SAM: UMA APRESENTAÇÃO FILOSÓFICA DA VIRTUDE DA
AMIZADE NA OBRA *O SENHOR DOS ANÉIS* DE J. R. R. TOLKIEN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de graduado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão e a co-orientação do Prof. Dr. Pe. Francisco Agamenilton Damascena.

ANÁPOLIS

2019

“As Portas de Durin, Senhor de Moria. Fale, amigo, e entre.”

(TOLKIEN, 2009a, p. 325, grifos do autor).

RESUMO

No presente trabalho, foi exposto a partir do exemplo das personagens Frodo Bolseiro e Samwise Gamgi da obra *O Senhor dos Anéis*, de John Ronald Reuel Tolkien, uma reflexão filosófica sobre o tema da Amizade, abordando o que é próprio e o que não é próprio desta virtude, tendo por apoio diversos autores que abordam o tema, dentre os quais destacam-se Aristóteles e Clive Staples Lewis. Este trabalho visa apresentar uma reflexão filosófica sobre o tema da Amizade a partir do que é exposto na célebre obra de Tolkien, defendendo a obra tolkiniana como não só um *best-seller* juvenil, mas uma obra literária permeada de ensinamentos sobre os valores humanos.

Palavras-chaves: Amizade. Tolkien. O Senhor dos Anéis. Virtude. Ética. Chesterton.

ABSTRACT

In the present work, it was exposed from the example of the characters Frodo Bolseiro and Samwise Gamgi from The Lord of the Rings, by John Ronald Reuel Tolkien, a philosophical reflection on the theme of Friendship, addressing what is proper and what is not proper of this virtue, having for support several authors that approach the subject, among which stand out Aristotle and Clive Staples Lewis. This work aims to show a philosophic reflexion about the matter of Friendship starting in that are exposed in the Tolkien's famous work, defending the Tolkien work as not only a youthful bestseller, but a literary work permeated by teachings on human values.

Key-words: Friendship. Tolkien. The Lord of the Rings. Virtue. Ethic. Chesterton.

AGRADECIMENTOS

E primeiro lugar, agradeço ao bom Deus que me conduziu até o fim de mais esta graduação (como Eru-Illúvatar conduziu Frodo em sua jornada), na esperança de que ele me faça sempre Teófilo – amigo de Deus. Junto com Ele, agradeço à sua Mãe Santíssima, Virgem de Guadalupe, a quem em consagrei de forma especial e à São José, meu pai e senhor, a quem tanto amo. Afinal, os pais de meu melhor amigo são meus pais também.

Não posso deixar de mencionar a pessoa humana de meu orientador, o Prof. Dr. Pe. Francisco Agamenilton Damascena, quem me direcionou com saber élfico e a quem devo todo o presente trabalho.

Agradeço e dedico este trabalho a todos os meus queridos amigos, os que foram, são e serão, pois me permitiram vivenciar tudo que foi exposto nas próximas páginas. Faço dignos de menção meus queridos amigos Rafael Henrique, José Vinícius, Guilherme Augusto, Tobias Goulão e Marcílio Cardoso, cujos nomes merecem ser impressos no papel, além de estarem impressos em meu coração, mas de um modo especial menciono Marcus Vinícius Loures Rangel cuja leal amizade para comigo é comparável à de Samwise Gangi.

Por fim, agradeço a todos os que me ajudaram nessa etapa de minha jornada, pessoas cujas presenças foram suporte, alívio e proteção, como os muitos amigos que Frodo encontrou pela Terra-Média. Destaco dentre os quais os padres Françoá Costa, Wólnei Aquino, Eli Ferreira e Michel Silberer, pelos sábios conselhos. Também estendo essa gratidão a todos os professores e colegas do *Institutum Sapientiae* e aos formadores do Seminário Maior Diocesano Imaculado Coração de Maria.

Cada um de vocês exerceu um importante papel neste capítulo da narrativa de minha história e ajudaram a conduzir a trama até aqui, moldando o que sou hoje: Que Deus lhes pague por tudo!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A ÉTICA DA TERRA-MÉDIA	11
2.1	A ÉTICA DA TERRA DOS ELFOS DE G. K. CHESTERTON	11
2.2	O ELFOS DA TERRA-MÉDIA E J. R. R. TOLKIEN	14
3	O QUE NÃO É AMIZADE	19
3.1	UTILITARISMO	19
3.2	CUMPLICIDADE.....	24
3.3	DESIGUALDADE.....	27
4	O QUE É AMIZADE	34
4.1	O AMOR ΦΙΛΙΑ	34
4.2	DO COMPANHEIRISMO À AMIZADE	39
4.3	UM OUTRO EU	47
4.4	A POLÍTICA ARISTOTÉLICA	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

G. K. Chesterton era um pensador que acreditava que a razão tinha enlouquecido, mas que a poesia iria curá-la desse mal (PAINE, 2008). O presente trabalho parte deste pressuposto chestertoniano de que a Literatura está cheia de bom senso e possui muito a ensinar, ou como exposto por Chesterton (2001), a terra dos elfos é o ensolarado país do bom senso onde podemos aprender a sanidade. Nos contos de fada, na fantasia, há uma ética implícita. “Tais contos são, a meu ver, absolutamente racionais. Não são fantasias: as outras coisas é que, comparadas a eles, parecem-me fantásticas. Comparados a eles, a religião e o racionalismo são coisas anormais, embora a religião seja uma coisa anormalmente certa e o racionalismo uma coisa anormalmente errada.” (Ibid, p. 71).

Partindo desse ponto, a investigação se desdobrará sobre a obra mais célebre do escritor, filólogo e catedrático John Ronald Reuel Tolkien, *O Senhor dos Anéis* (1954)¹, que revela-se embebida das ideias de G. K. Chesterton, cuja compreensão é que permite uma correta interpretação desta obra fictícia. A investigação se deteve no aspecto ético, como Chesterton abordou em sua célebre “A Ética da Terra dos Elfos”, capítulo de *Ortodoxia* (1874), mais especificamente sobre o tema da Amizade.

Aclamado por uma legião de fãs, especialmente após a trilogia cinematográfica de Peter Jackson (2001, 2002, 2003), *O Senhor dos Anéis* está carregado dessa sanidade élfica comentada por Chesterton, por isso o presente trabalho demonstra a partir desta obra a relação da Literatura com a Filosofia. Entre os muitos temas que a obra trata, como a humildade, a corrupção dos bons, a luta entre o bem e o mal, os problemas do modernismo *et similia*, optou-se por falar da Amizade, pois esta é uma das maiores virtudes, o maior bem externo e algo indispensável à felicidade. E não apenas isso, *O Senhor dos Anéis* é uma obra cujo núcleo é a Amizade. Essa virtude é o segredo para que se abram as soluções na trama e é o segredo que abre a compreensão da obra, como a palavra élfica “*Mellon*”, isto é “Amigo”, abrem os portões secretos de Moria, ou Kazhad-dûm, na língua dos anões, cujo enigma serviu de epígrafe a este trabalho. Por isso, desde o início, aconselham os elfos como um segredo: “Mas se quer um conselho, vou dá-lo em nome da nossa amizade. Acho que deve partir imediatamente, sem demora; e, se Gandalf

¹ Publicado em 1954, *O Senhor dos Anéis* consta apenas uma única obra, mas também foi editado muitas vezes em três tomos: “A Sociedade do Anel”, “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”. A primeira tradução brasileira data de 1994 e se usará para este trabalho os três tomos reeditados e reimpressos pela Martins Fontes em 2009, para tal distinção, indicar-se-á com as letras “a”, “b” e “c”, respectivamente os três tomos supracitados, após o ano da obra (que para ambas é 2009).

não chegar antes da sua partida, então também aconselho o seguinte: não vá sozinho. Leve amigos, que sejam confiáveis e prestativos.” (TOLKIEN, 2009a, p. 86).

Sua obra mais célebre, *O Senhor dos Anéis*, é uma continuação de *O Hobbit*, e narra os feitos de Frodo Bolseiro, sobrinho de Bilbo Bolseiro (protagonista de *O Hobbit*), um simpático hobbit (palavra e criatura inventada por Tolkien) que vive pacatamente em Bolsão, no Condado, e de lá precisa sair para levar o maligno Um Anel até a Montanha da Perdição, a fim de lança-lo na fenda de fogo onde fora forjado para que seu ourives e Senhor, Sauron, seja derrotado de uma vez por todas. Essa é uma longa jornada (durará um ano) e ao hobbit unem-se seus amigos Samwise Gangi, Peregrin Tûk e Merry Brandebuque, também hobbits. Mais adiante, terão também a companhia do humano guardião Aragorn (chamado Passolargo), do elfo Legolas (filho do rei Thranduil), do anão Gimli (filho de Glóin), do humano Boromir (filho de Denethor, regente de Gondor) e do mago Gandalf, o cinzento. Após unirem-se e, depois, um a um ir deixando a sociedade e seguindo seus próprios caminhos, Frodo e Sam (sob a guia de Gollum) adentram Mordor, sobem a Montanha da Perdição e destroem o Um Anel, enquanto isso, os povos livres enfrentam as hordas de Sauron e seu aliado o mago Saruman, o de muitas cores. Após numerosas batalhas, Aragorn revela-se como o herdeiro de Isildur para reaver a coroa de Gondor e assumir o trono há tantos séculos vazio.

A Amizade é a chave de compreensão de *O Senhor dos Anéis*, e no livro há todos os ensinamentos sobre essa virtude, explícita ou implicitamente, em alguns momentos pelas falas dos personagens, em outros apenas pelas suas ações. Nessa longa jornada do Condado à Mordor, os companheiros experimentam a Amizade e tal narrativa elabora-se como um tratado, e o objetivo do presente trabalho é apresentar de forma sistemática este tratado, a fim de indicar a obra como modelo para a ética élfica, isto é, para as relações entre Literatura e Filosofia.

E o que é afinal a Amizade? Não é fácil defini-la, muitos filósofos tentaram, mas não é possível expor em uma fórmula coesa. Por isso a Literatura pode expor mais precisamente, pois demonstra com exemplos de vivência, enquanto a Filosofia só o faz com ideias abstratas.

Assim, o presente trabalho se ocupará de debruçar-se sobre esta questão: O que é afinal a Amizade? O que, conseqüentemente, leva a outras questões: Se não é possível defini-la em forma, quais são seus traços próprios? Quais características lhe são próprias? O que não é Amizade, apesar de ser confundido em relações onde as partes se dizem amigas? Por que é necessário vivenciar uma Amizade? Acredita-se que a obra analisada tem as respostas para estas questões.

Por que falar de Amizade? Ninguém nega que é bom ter amigos. Na verdade, o que há é uma confusão sobre o que é Amizade e o que não é Amizade. A Amizade é uma virtude, é própria do homem bom, e mais, é um amor, não mera relação de afinidade superficial, mas tudo isso parece ter se perdido no mundo moderno. Porém, nem sempre foi assim, na antiguidade havia essa noção. Por sorte, o que se perdeu dos pensamentos do homem, ficou escondido com os elfos, ficou preservado na ficção, e isso embebeu a obra analisada que, por isso, é útil para tal reflexão filosófica.

Para tal reflexão, optou-se por expor inicialmente as ideias de G. K. Chesterton e demonstrar a sintonia destas ideias com as de J. R. R. Tolkien, o que faz da análise proposta um excelente modelo de como o pensamento de Chesterton está bem fundamentado e comprovado. Após esse pressuposto teórico, dado a dificuldade em definir o que é a Amizade, expor-se-á o que não é Amizade, isto é, as características que negam esse amor: utilitarismo, cumplicidade e desigualdade, gerando assim três características de marcação negativa da Amizade, a saber: inútil, intolerância do mal e desigualdade. Por fim, apresentar-se-á o que é próprio da Amizade, inicialmente o seu sentido filosófico enquanto virtude e amor φιλία; depois como ela surge do coleguismo e desenvolve até tornar-se Amizade de fato; também a sua compreensão de doação total ao outro como se fosse si próprio e, ainda, uma elaboração da Amizade enquanto base da política Aristotélica. Tudo isso a partir dos exemplos das personagens de *O Senhor dos Anéis*, de um modo especial, Frodo e Sam, o modelo mais perfeito desse amor.

O que se pretende expor como características negativas estão ligadas a presença e prefixos negativos, que negam algo. Antes de dizer o que é próprio da Amizade, o trabalho falará daqueles adjetivos com prefixação negativa, cujo valor semântico nega elementos que impossibilitam a Amizade. Por exemplo, “desigualdade” é uma marcação negativa, pois o prefixo “des” tem carga semântica negativa, isto é, desigualdade é algo que não possui igualdade.

Para o embasamento teórico, partiu-se inicialmente das ideias de G. K. Chesterton e J. R. R. Tolkien, mas no que diz respeito a Amizade propriamente dita, utilizou-se de uma forma especial as ideias de Aristóteles, contidas em sua *Ética à Nicômaco*, e também das ideias de Clive Staples Lewis, que tratou da Amizade em um capítulo de sua obra *Os Quatro Amores*, entre outros teóricos cujas explicações servem para demonstrar o que foi apresentado na obra mítica do prof. Tolkien.

Com esse trabalho, almeja-se não só rerepresentar a Amizade ao mundo moderno, mas também afirmar o valor da Literatura enquanto conhecedora da interioridade humana

e fonte de conhecimento, ou como pensava Chesterton, refúgio da razão para a insanidade (a lógica pura) em que se meteu.

2 A ÉTICA DA TERRA-MÉDIA

Contos de fadas, lendas, mitologia, Literatura, poesia, ficção, Fantasia: são esses os termos que o pensador britânico G. K. Chesterton utiliza muitas vezes para se referir à fonte de salvação para a razão humana diante de tantas filosofias loucas. É inegável a influência de G. K. Chesterton sobre o autor de *O Senhor dos Anéis*, J. R. R. Tolkien. Chesterton foi um escritor muito popular na época em que Tolkien era estudante em Oxford, e a conversão do jornalista ao catolicismo, após publicar *Ortodoxia* (1908), com certeza faria com que o católico devoto que era Tolkien o admirasse. Tolkien não apenas faz menções diretas a Chesterton, como em seu ensaio “Sobre contos de fadas”, como nota-se as ideias de GKC em seus escritos. No primeiro momento, seguirá uma explicação de uma ideia importante de Chesterton chamada “A Ética da Terra dos Elfos”, ao que se segue uma demonstração de como essa ideia é assimilada por Tolkien e, portanto, é método seguro de análise sobre o ensino das virtudes em sua ficção que se pretende fazer nos próximos capítulos.

2.1 A ÉTICA DA TERRA DOS ELFOS DE G. K. CHESTERTON

Gilbert Keith Chesterton (29 de maio de 1874 – 14 de junho de 1936) foi um famoso jornalista, poeta e livre pensador. Em 1905 lançou um livro intitulado *Hereges* em que criticava as filosofias de grandes pensadores da época. Esse livro gerou uma certa polêmica (das quais o escritor sempre estava envolvido). Ao que um dos criticados manifestou-se desafiando o Sr. Chesterton a mostrar então qual era a sua filosofia, aparentemente melhor que a dos demais. “‘Começarei a me inquietar com minha filosofia’ – disse, nessa ocasião, o senhor Street – ‘quando o senhor Chesterton nos tiver a sua’.” (CHESTERTON, 2001, p. 23). Chesterton então escreve o livro *Ortodoxia* (1908) como resposta ao desafio. “Era, talvez, uma imprudente sugestão feita a quem está sempre preparado para escrever um livro à mais leve provocação.” (Ibid, p. 23).

Ortodoxia, tida como sua autobiografia espiritual (GUROIAN, 1998), é uma exposição não sistemática² daquilo que Chesterton tinha buscado como resposta aos disparates das escolas de pensamentos de sua época. O que foi uma surpresa para o filósofo, e assim foi demonstrado na obra, é que tudo aquilo que ele buscou definir como

² Apesar de ser considerada uma obra apologética de defesa da fé, *Ortodoxia* deve ser classificada como uma obra filosófica. “[Ortodoxia] é realmente sobre filosofia. Não é um livro sobre filosofia sistemática, mas é sobre filosofia.” (PAINE, 2008, p. 105).

sua filosofia já havia sendo pregado pelo catolicismo há anos, fato esse que justifica o título: “Tentei encontrar uma heresia para mim e, quando já lhe tinha dado os últimos retoques, descobri que se tratava da ortodoxia.” (CHESTERTON, 2001, p. 27)³. Sua obra, pode ser definida como “uma tentativa de devolver-nos a tutela do universo de Deus” (PAINE, 2008, p. 51), mas o que coloca Chesterton como elemento fundamental na discussão da discussão filosófica das virtudes com uma obra literária do tipo fantástica é o terceiro capítulo de *Ortodoxia*, que está intitulado como “A Ética da Terra dos Elfos”.

O título do capítulo é sem dúvidas intrigante, mas um fator importante a se considerar quando o assunto é Chesterton, é que sua filosofia está pautada no *common sense*⁴, ou seja, aquilo que pode ser, e de fato é, visto por todos os homens, sobretudo os mais humildes. “Chesterton era o porta voz do homem comum e de seu universo comum.” (Ibid, p. 13). Pois, para Chesterton “os homens que encontram elfos ou anjos não são místicos ou os mórbidos sonhadores, mas pescadores, agricultores, homens, enfim, que, de maneira geral, são, ao mesmo tempo, rudes e prudentes” (CHESTERTON, 2001, p. 195). Por *common sense*, deve-se entender, portanto, a noção das coisas construída a partir da simples observação, comum a todos os homens, da realidade. “Chesterton iniciou sua busca pelo senso comum ao observar que a base dele estava na aceitação fundamental que esclarece tudo o mais” (PAINE, 2008, p. 164).

E se o *common sense* é a base para conceber de forma adequada a realidade, é nessa fonte que se deve buscar a sabedoria. O homem comum tem observado a realidade e feito constatações, e essas constatações têm sido mantidas pela tradição. A forma do jornalista londrino conceber a tradição é muito requintada. Sabendo que a democracia é algo muito bem quisto e defendido no ocidente, Chesterton diz que todos têm direito ao voto, mas todos mesmo, até os que já morreram. Pois a tradição é concebida como um direito dos antepassados ainda opinarem na sociedade.

A tradição pode ser definida como uma extensão do direito de voto, pois significa, apenas, que concedemos o voto às mais obscuras de todas as classes, ou seja, a dos nossos antepassados. É a democracia dos mortos. A tradição se recusa a submeter-se à pequena e arrogante oligarquia daqueles que parecem estar por aí meramente de passagem. (CHESTERTON, 2001, p. 69).

³ “Ortodoxia” é uma palavra grega que significa “reto caminho”, e é utilizada para referir-se ao ramo cristão que permaneceu-se firme contra as grandes heresias da antiguidade, a Igreja Católica Apostólica Romana e mais algumas igrejas orientais.

⁴ Optou-se por utilizar *common sense* em inglês, pois a palavra “senso comum” em português tem outra conotação, geralmente relacionado a algo errôneo por parte da massa popular. Uma possível tradução seria “bom senso”, mas mesmo assim não abarca todo o contexto que o termo original, visto que a perda da palavra “common” (comum) remove o caráter natural e universal do termo.

Apesar de aparentemente mórbido, esse pensamento poético e sensato de Chesterton está baseado no fato de que o autor acredita que uma recusa do passado possa destruir as bases de uma civilização construída em milênios (com erros ou acertos, mas sempre com aprendizados). E é com esse aprendizado dos antepassados que foram cunhados os contos de fadas, cheios de lógica e sensatez, e que a tradição guardou e repassou até os dias de hoje (através das mães, avós e babás).

Para Chesterton, os contos de fadas estão repletos de sabedoria e verdades filosóficas extremamente racionais. E a tese central do ensino ético através da terra do elfos encontra-se no seguinte trecho:

O que me interessa agora é aquela ética e filosofia que nasceu dos velhos contos de fadas. Se me propusesse a descrevê-la, pormenorizadamente, poderia apontar os muitos nobres princípios contidos em tais contos. Temos a lição de cavalheirismo que nos é dada por *Jack, o Matador de Gigantes*: os gigantes devem ser mortos porque são gigantes. É uma revolta humana contra o orgulho considerado como tal. [...] Temos a lição da *Cinderela*, que é a mesma do *Magnificat: exaltavit humiles*. Há a grande lição contida em *A Bela e a Fera*: uma coisa deve ser amada antes que seja digna de amor. Há a terrível alegoria de *A Bela Adormecida*, que nos mostra como uma criatura foi presenteada com todas as dádivas ao nascer, apesar de amaldiçoada com a morte, e como a morte também pode, talvez, ser suavizada pelo sono. (Ibid, p. 71-72).

O que Chesterton faz é estabelecer novamente entre o mundo dos homens e dos elfos uma ponte, tal como a mágica *Bifrost*⁵. Chesterton eleva a dignidade dessas histórias que pareciam mera tolice infantil e demonstra como estão recheadas de verdades filosóficas, sobretudo questões éticas. “*Musing on the wisdom and ethics of the fairy tale, G. K. Chesterton observes that the genre sparks a special way of seeing that is indispensable to morality.*” (GUROIAN, 1998, p. 18)⁶. Sendo assim indispensável, faz-se necessário reaproximar a filosofia da literatura, pois esta “*invites us to draw analogies between its imaginary world and the world in which we live.*” (Ibid, p. 23)⁷. Afinal, para Chesterton, a fantasia confere a oportunidade de enxergar a realidade com o devido deslumbramento e respeito que lhe é devida, por exemplo, para Chesterton, o homem não precisava refletir sobre a ecologia, pois tinha esse respeito ao meio ambiente aprendido via fantasia: “As velhas babás não falam às crianças a respeito da grama, mas lhe falam

⁵ *Bifrost* era, na mitologia nórdica, a ponte mágica do arco-íris que dava acesso a *Asgard*, o mundo dos deuses, composta de palácios de ouro e prata. Ao mundo dos homens dava-se o nome de *Midgard*, sendo ao todo nove mundos, cada qual com seu habitante. *Alfheim* era o mundo dos elfos. (BULFINCH, 2006).

⁶ Meditando sobre a sabedoria e ética do conto de fadas, G. K. Chesterton observa que o gênero desencadeia uma maneira especial de ver que é indispensável à moralidade. (Tradução livre).

⁷ [...] nos convida a fazer analogias entre o mundo imaginário e o mundo em que vivemos. (Tradução livre).

das fadas que dançam sobre ela. E os velhos gregos não podiam ver as árvores por causa das ninfas dos bosques.” (p. 71).

2.2 O ELFOS DA TERRA-MÉDIA E J. R. R. TOLKIEN⁸

John Ronald Reuel Tolkien não só era um admirador de G. K. Chesterton, ele compartilhava de suas ideias. É possível notar em seus escritos uma similaridade tal que Ives Gandra Martins Filho (2017, p. 86) chama de: “tese tolkien-chestertoniana da restauração da alma pela literatura fantástica”. Mas antes de se abordar as características dessa tese, faz-se mister afirmar que apesar de serem grandes amigos e compartilharem de muitos ideais, C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien discordavam quanto abordavam o “escapismo” literário. Se C. S. Lewis via na literatura uma fuga da realidade através de um guarda-roupa – o que Scott Randall Paine chama em seu excuro de número quatro de “Peter Panteísmo” (PAINE, 2008) –, Tolkien afirmava a exaltação do mundo real por meio do mundo fictício.

Esse pensamento está ligado a terra dos elfos de Chesterton. “Para Chesterton, *este* mundo é o lugar extraordinário, e os verdadeiros contos de fadas, longe de nos afastar do mundo real, ajudam-nos a compreender a ‘realidade concreta imediata’ como sendo ela mesma a terra natal das maravilhas.” (Ibid, p. 136, grifos do autor). E é por isso que Chesterton afirmava:

Pode-se escrever uma história de um herói entre dragões, mas não uma história de um dragão entre dragões. O conto de fadas aborda o que um homem são fará em um mundo louco: o romance realista, com toda sua sobriedade, mostra-nos o que um indivíduo essencialmente lunático fará em um mundo estúpido. (CHESTERTON, 2001, p. 32).

Em uma forma literária, mas com a mesma lógica, apenas trocando dragões por elfos, Tolkien fala que o homem é o centro dos contos de fada:

A maioria dos bons “contos de fadas” trata das *aventuras* dos homens no Reino Perigoso ou nos seus sombrios confins. É natural, pois, se os elfos são de verdade, e de fato existem independentemente de nossas

⁸ É curioso observar que J. R. R. Tolkien tinha uma visão de elfos ligadas à tradição druida e nórdica, culturas antigas das quais estudava os textos. Os seres míticos de Tolkien são seres como representou em suas obras e como Peter Jackson trouxe ao público nos cinemas com seus seis filmes. Já Chesterton tem uma visão mais genérica dos elfos. É difícil saber de que elfos GKC fala, mas pode se tratar dos elfos diminutos que aparecem em contos de fadas ou que, por exemplo, auxiliam o Papai Noel em sua oficina. Essa distinção se faz importante, pois os elfos diminutos são um traço francês na compreensão dos seres míticos, mas que foi colocado nos grandes compilados que Chesterton lia e defendia. O próprio professor Tolkien dedicou algumas páginas de seu ensaio “Sobre contos de fadas” para explicar a diferença de tais criaturas.

histórias sobre eles, então também isto é verdade: os elfos não se interessam primordialmente por nós, nem nós por eles. Nossos destinos são distintos, e nossas trilhas raramente se encontram. Mesmo nas fronteiras do Reino Encantado só os encontramos em algum cruzamento fortuito de caminhos. (TOLKIEN, 2013, p. 10, grifos do autor).

Um discurso parecido está presente em *O Senhor dos Anéis*, Tolkien o põe na boca de um elfo, Gildor Inglorion, quando este encontra o protagonista, Frodo Bolseiro, e seus amigos: “Os elfos têm suas próprias dores e seus próprios labores, e não se preocupam muito com os assuntos dos hobbits, ou de qualquer outra criatura sobre a terra. Nossos caminhos se cruzam raramente, por acaso ou de propósito.” (TOLKIEN, 2009a, p. 87).

Tal é a noção de Tolkien da realidade e do *common sense*, que levou-o a ver nos contos de fada um resgate da estupefação diante da realidade que se tinha perdido e se devia recuperar.

Precisamos encontrar o centauro e o dragão, e talvez depois contemplar de repente, como os antigos pastores, os carneiros, os cães, os cavalos – e os lobos. Os contos de fadas nos ajudam a realizar essa recuperação. Nesse sentido só o gosto por eles pode nos tornar, ou manter, infantis. (Id, 2013, p. 55).

Note-se que Tolkien quer a mesma estupefação pueril que Chesterton: “As escolas e sábios mais insondáveis nunca alcançaram a gravidade que existe nos olhos de um bebê de três meses de idade. É a gravidade do espanto perante o universo, e o espanto perante o universo não é misticismo, mas um transcendente bom senso.” (CHESTERTON, 2015, p. 91). Por isso, Tolkien achava que os contos de fada deviam ser lidos não só por crianças: “[...] na minha opinião os contos de fadas não deveriam ser *especialmente* associados às crianças. Eles são associados a elas naturalmente, porque crianças são humanas e os contos de fadas são um gosto humano natural (porém não necessariamente universal)” (TOLKIEN, 2013, p. 41). O que, mais uma vez está em sintonia com o próprio Chesterton que se deteve em seu escritório em meio aos trabalhos para ler um conto dos Grimm sobre a avó do dragão (CHESTERTON, 2012).

Se Chesterton tinha na babá a grave sacerdotisa da democracia e da tradição, Tolkien via nessas histórias contadas pelas mães, babás e avós, de igual forma, uma sabedoria real deste mundo transformada em mito ou lenda. E ele fez questão de expressar isso por meio do sábio elfo Celeborn, senhor de Lothlórien: “Então não preciso dizer mais nada – disse Celeborn. – Mas não despreze a tradição que vem dos anos longínquos; talvez as velhas avós guardam na memória relatos sobre coisas que alguma vez foram

úteis para o conhecimento dos sábios.” (TOLKIEN, 2009a, p. 398). É a mesma filosofia do bom senso tirada das histórias do povo simples, atento (com admiração) ao mundo real.

Ainda afirma o Prof. Tolkien (2013, p. 9-10):

O Reino Encantado contém muitas coisas além de elfos e das fadas, e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões; contém oceanos, o sol, a lua, o firmamento e a terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós mesmos, seres humanos mortais, quando estamos encantados.

E ainda no que tange a valorização da realidade, o autor coloca:

A Fantasia é feita do Mundo Primário, mas um bom artífice ama seu material e tem um conhecimento e uma sensibilidade da argila, da pedra e da madeira que só a arte de fazer pode proporcionar. Ao forjar Gram o ferro frio foi revelado; ao fazer Pégaso os cavalos foram enobrecidos; nas Árvores do Sol e da Lua, raiz e tronco, flor e fruto manifestam-se em glória. (Id, 2013, p. 57).

Muitos são os exemplos que poderiam se colocar para defender J. R. R. Tolkien como alguém realista e em sintonia com Chesterton, bem distante daquilo que se pode chamar de “Peter Panteísmo”, mas bastam esses para se elucidar o que aqui se pretende afirmar, de que a obra analisada contém profundidades filosóficas que podem ser demonstradas, afinal, esse ensaio utilizado como referência foi escrito na mesma época. “Também foram escritas na mesma época em que *O Senhor dos Anéis* começava a se desenvolver” (Id, 2013, p. VII). Ao qual é possível afirmar que as mesmas ideias estão contidas na ficção: “Um homem pode fazer as duas coisas – disse Aragorn. – Pois não seremos nós, mas os que vierem depois, que farão as lendas de nossa época. A terra é verde, você diz? Este é um grande assunto para as lendas, embora você pise nela sob a luz do dia.” (Id, 2009b, p. 28).

Portanto, se há uma terra dos elfos com muitas verdades a ensinar, e essa terra é aqui, Tolkien coloca não só os elfos para povoá-la, mas anões, dragões, orcs, ents e hobbits, e demonstra que ela não é outro mundo, mas aqui: Terra-Média é a tradução moderna de *Midgard*, a terra dos homens da mitologia nórdica da qual Tolkien apoiou-se (vale ressaltar que Tolkien era filólogo especializado em línguas antigas). Note bem: não é *Asgard*, nem *Alfheim* ou *Svartalfheim* (mundo dos anões, também chamado *Nidavelir*), é *Midgard*: a terra média, o mundo dos homens. (BULFINCH, 2006).

Portanto, tal como Chesterton queria salvar a razão da loucura das filosofias modernas através da poesia e do *common sense*, assim o quer Tolkien. “Chesterton afirma

ter sido a *razão* que o destruiu; e que apenas a poesia pode recuperá-lo.” (PAINE, 2008, p. 111, grifos do autor). Por isso Tolkien afirma:

A Fantasia é uma atividade humana natural. Certamente ela não destrói a Razão, muito menos a insulta; e não abranda o apetite pela verdade científica nem obscurece a percepção dela. Ao contrário. Quanto mais astuta e clara a razão, melhor a fantasia se produzirá. Se os homens estivessem num estado em que não pudessem perceber a verdade (fatos ou evidências), então a Fantasia definharia até que eles se curassem. Se chegarem a atingir esse estado (não parece totalmente possível), a Fantasia perecerá e se transformará e Ilusão Móbida. (TOLKIEN, 2013, p. 53).

O que o filólogo tem – e isso ele aprendeu do jornalista – é aquela fórmula mágica que transforma a realidade banal em encantadora, sem sequer alterá-la, ou seja, encanta o próprio conjurador do feitiço:

E existe (especialmente para os humildes) *Mooreeffoc*, ou Fantasia chestertoniana. *Mooreeffoc* é uma palavra fantástica, mas podia-se vê-la escrita em todas as cidades deste país. É a palavra *Coffe-room*, vista de dentro através de uma porta de vidro, como Dickens a viu num escuro dia londrino; foi empregada por Chesterton para denotar a estranheza das coisas que se tornaram triviais, quando de repente são vistas por um novo ângulo. (Id, 2013, p. 56, grifos do autor).

Portanto, o que Tolkien propõe é ver o mundo ao encantamento “*Mooreeffoc*”, para entender que ele é verdadeiro, bom e belo. “Não digo ‘ver as coisas como elas são’, pois assim me envolveria com os filósofos, mas posso arriscar-me a dizer ‘ver as coisas como devemos (ou deveríamos) vê-las’ – como coisas separadas de nós.” (Ibid, p. 56). Por isso, *O Senhor dos Anéis* é uma obra que possui ensinamentos sobre a Amizade e sobre o bem e o mal, pois este é o mesmo tanto para os homens, quanto para os elfos e anões: “O bem e o mal não mudaram desde o ano passado; nem são uma coisa para os elfos e anões e outra para os homens. É papel de um homem discerni-los, tanto na Floresta Dourada como em sua própria casa.” (Id, 2009b, p. 31).

A obra analisada está enriquecida de valores reais e objetivos e não de mero escapismo como se desejasse fugir de um mundo cruel por um guarda-roupa, um tornado, uma toca de coelho, uma estação de trem secreta ou com “pó de pirlimpimpim”. Afinal, o que há de mais fantástico na obra de Tolkien é aquilo que é exatamente mais humano: a bravura, a Amizade, a fidelidade, a humildade e a alegria. O próprio autor tinha afirmado: “Pois é o ser humano que é sobrenatural (e muitas vezes de estatura diminuta) em comparação com as fadas, ao passo que elas são naturais, muito mais naturais que ele.” (Id, 2013, p. 5), mais um fato que demonstra a influência de G K. Chesterton (2001,

p. 68): “As coisas ordinárias têm mais valor do que as extraordinárias; podemos dizer, até, que são mais extraordinárias que as extraordinárias”.

3 O QUE NÃO É AMIZADE

Antes de se expor o que é Amizade e o que é próprio dela, faz-se preciso explicar o que não é Amizade, ou aquilo que é justamente um empecilho para que se vivencie uma Amizade de fato. A Ética Élfica de Tolkien dá exemplos tanto do que é uma amizade, como daquilo que não é. Para tal exposição, os tópicos seguintes tratam do utilitarismo, onde os homens não são amigos porque não veem o bem em si, mas na utilidade e prazer que o outro proporciona; a cumplicidade, onde homens maus compactuam-se por um objetivo perverso, mas de fato não são amigos; e, por fim, a desigualdade, onde a desproporção e falta de semelhança entre os amigos também apresenta um travancamento da amizade.

3.1 UTILITARISMO⁹

Após a destruição do Um Anel, o *ent* Barbávore liberta Saruman, já inofensivo, da torre de Orthanc e permite que ele parta livremente. Com o mago Saruman, também chamado Charcote, segue Gríma, o Língua de Cobra. A companhia desses dois é, ao contrário da dos hobbits Sam e Frodo, um ensino do que não é amizade. Para Saruman, Gríma é um laçao que obedece todas suas ordens e caprichos, para Gríma, Saruman é tudo que tem, sua única chance de viver bem. “Saruman riu. – Você sempre faz o que Charcote manda, não é, Língua? Bem, agora ele diz: em frente! – Chutou Língua de Cobra no rosto no momento em que este se rastejava, virou-se e partiu.” (TOLKIEN, 2009c, p. 302).

A Amizade só pode ser verdadeira se o objeto (o fim) do amor for de fato, essencialmente, a pessoa do amigo, caso seja uma utilidade ou prazer proporcionado por esse, não há Amizade de fato, pois “[...] essas amizades são acidentais, uma vez que a pessoa não é amada por ser quem é, mas porque oferece algum bem ou algum prazer.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 212)¹⁰. Há portanto uma única moeda com duas faces, nessa pseudo-amizade, um se beneficia da utilidade que o outro lhe fornece (um serviço, alguma riqueza, enfim, algum bem ou ação) enquanto o que fornece isto, o faz porque recebe um

⁹ Por “utilitarismo”, não se busca apresentar um sistema ético filosófico como o de Jeremy Bethan ou Stuart Mill, apesar desse primeiro estar mais próximo do que se pretende expor do que o utilitarismo eudemonista de Mill (MARIAS, 2015). Mas se entende por “utilitarismo” o servir-se de outra pessoa como meio e não como fim em si, tal como combatido por Wojtyla (2016), no qual se baseará a exposição deste tópico. Wojtyla admite que sempre houve utilitarismo (do qual este trabalho se refere), mas somente na modernidade esse utilitarismo tem fundamentação filosófica (com Bethan, Mill e outros): “[...] o utilitarismo moderno é consciente” (Ibid, p. 29).

¹⁰ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Θ, 1156a, 19-20.

prazer daquele a quem serve (afeto ou benevolência, companhia ou até mesmo sexo). Ao menos assim expõe Aristóteles (2015)¹¹. Nesses modelos, é possível perceber que não é a pessoa em si, mas características acidentais que são queridas. Afinal:

[...] a amizade pode deformar-se, pois o mundo afetivo, se deixado à sua própria espontaneidade, tende a votar-se sobre si mesmo de forma egocêntrica. E nesse caso o amigo já não é visto como a finalidade do afeto, mas como um meio de alcançar a satisfação pessoal e egoísta: sentir-se querido, apoiado, preferido. (UGARTE, 2015, p. 31).

Em polonês, Karol Wojtyła utiliza a palavra “*uzjwac*” que pode ser traduzida como “usar”, “gozar”, “utilizar”, mas para o filósofo há dois sentidos e esses dois sentidos dizem respeito exatamente a esses dois lados da mesma moeda a qual optou-se por chamar de utilitarismo. “Para um utilitarista, é só o prazer como tal que conta” (WOJTYŁA, 2016, p. 19).

O primeiro lado da moeda do utilitarismo, é aquele em que o sujeito vê no outro apenas a funcionalidade e utilidade que este lhe proporciona. Para Wojtyła, esse primeiro lado da moeda de Aristóteles é o primeiro sentido de “*uzjwac*” que “[...] significa usar, ou, em outras palavras, servir-se de um objeto de ação como meio para atingir o fim para o qual tende o sujeito que atua.” (Ibid, p. 19). Saruman não era amigo de Gríma, mesmo não tendo a companhia de mais ninguém. O egocentrismo do mago de muitas cores era um empecilho para que enxergasse em Gríma uma pessoa, Língua de Cobra era seu serviçal, que merecia apenas desprezo e maus tratos, mesmo após ele ter perdido sua cômoda posição de conselheiro real em Rohan, por servir ao mago. “Assim então, aqueles cuja amizade recíproca tem por causa a utilidade, não se amam um ao outro por eles mesmos, mas por algum bem que eles recebem um do outro por eles mesmos, mas por algum bem que eles recebem um do outro.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 212)¹².

O outro lado da mesma moeda é o motivo pelo qual Gríma permitia ser tratado de tal forma por Charcote. Sem dúvidas recebia algum prazer em servi-lo, afinal, não há outro motivo para que tenha fugido de Rohan e ficando preso com o mago em Isengard e de lá, depois de libertos, ter partido com ele para o Condado. Aristóteles acredita que se um dos pseudo-amigos recebe os serviços úteis do outro, esse outro serve porque sente o prazer do outro. É que Gríma tem em Saruman um prazer pelo poder do mago e até mesmo o encantamento de sua voz. Para Wojtyła, esse é o segundo lado da moeda de Aristóteles, que ele trata como o segundo sentido de “*uzjwac*”, no qual “‘Gozar’ quer dizer então

¹¹ Ibid, Ø.

¹² Ibid, Ø, 1156a, 10-11.

‘encontrar prazer’” (WOJTYLA, 2016, p. 26), o prazer que Gríma encontra no poder de Saruman é afetivo: “A nossa reflexão e os nossos atos voluntários, isto é, o que determina a estrutura objetiva da ação humana, vão acompanhados de vários elementos ou estados emocionais, afetivos.” (Ibid, p. 26). Entretanto, “[...] os que amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que eles amam as pessoas espirituosas, mas porque eles o consideram agradáveis.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 212)¹³. Gríma não admira a sabedoria de Saruman, muito menos sua nobre origem Valar, mas seu poder intimidador, sente prazer afetivo ao estar junto de mestre tão poderoso e imponente. Por isso, Gríma se sujeita, pois é Língua de Cobra, um bajulador, e “[...] o bajulador é um amigo em estado de inferioridade” (Ibid, p. 222)¹⁴.

Porém, Saruman perde seus poderes, torna-se um mendigo patético que é expulso pelos hobbits do Condado, tendo que vagar sem rumo. Gríma recebe a proposta de ficar no Condado, pois os hobbits não tem nada contra ele. Gríma, pela primeira vez, tem uma opção que não seja Saruman, e mesmo a opção de seguir Saruman não é tão encantadora, pois o mago já não é tão prazeroso, e só o vinha seguindo e servindo como um cão por não ter outra opção. Rompido o laço acidental, Língua de Cobra não hesita em degolar Charcote, seu senhor a quem tinha servido lealmente por tantos anos. Acontece que essa pseudo-amizade está pautada em algo acidental, e bem este muda-se, rompe-se o vínculo entre as pessoas. “[...] se uma das partes não é mais agradável ou útil, eles cessam de ser amigos.” (Ibid, p. 212)¹⁵, ou como coloca Wojtyla (2016, p. 33): “Mas, no momento em que a vantagem comum e a utilidade comum cessarem, já nada resta dessa harmonia”.

Os dois lados são uma única moeda, o utilitarismo, uma pseudo-amizade e um empecilho para uma real Amizade. Assim, o primeiro fenômeno a se constatar sobre a amizade é uma característica negativa: a amizade não pode ser utilitarista, deve ser inútil. “Sem o Eros nenhum de nós teria sido procriado, e sem a Afeição nenhum de nós seria criado; no entanto, podemos viver e procriar sem a Amizade. Biologicamente falando, a espécie humana não tem necessidade dela.” (LEWIS, 2017, p. 84). Assim, os amigos devem buscar o outro por ser quem ele é de fato, não pela utilidade que tem ou pelo prazer que gera. Deve-se buscar a pessoa por quem ela é de fato, sem segundas intenções, pois “[...] o primeiro traço da verdadeira amizade é ser *desinteressada*.” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 162, grifos do autor).

¹³ Ibid, Ø, 1156a, 12-13.

¹⁴ Ibid, Ø, 1159a, 14.

¹⁵ Ibid, Ø, 1156a, 21-22.

Esse desinteresse é o que qualifica a Sociedade do Anel, os nove amigos são amigos desinteressadamente. Ajudam-se porque se gostam. Aragorn, Legolas e Gimli, por exemplo, colocam-se em uma caçada atrás dos hobbits raptados Merry e Pippin por meio da extensa terra de Rohan, próximo a perigosa floresta de Fangorn e contra um exército de orcs afim de salvar os companheiros, vendo seus esforços inúteis, permanece a amizade. Diante da falta de recursos, surge o diálogo:

– Então, que faremos agora? – disse Gimli. – Não podemos procurá-los através de toda a floresta. Viemos com poucos suprimentos. Se não os encontrarmos logo, não poderemos ser de nenhuma utilidade, a não ser sentando ao lado deles e demonstrando nossa amizade, passando fome juntos.

– Se isso for realmente tudo o que pudermos fazer, então devemos fazê-lo – disse Aragorn. – Vamos em frente. (TOLKIEN, 2009b, p. 88-89).

Aragorn entende que a amizade não se prova por utilidade, mas por achar os amigos e estar com eles. Se for para padecer sobre as sombras crescentes que assolam a Terra-Média, que seja na companhia dos amigos, sem utilidades, só o valor da presença do outro. “É quase embaraçoso, pois a Amizade está completamente liberta da necessidade da Afeição de ser necessária.” (LEWIS, 2017, p. 98). Porém, o modelo supremo de amizade em *O Senhor dos Anéis* é, como sugere este trabalho, Frodo e Sam. Pois o gorducho hobbit se põe a seguir Frodo e auxiliá-lo, mas diante de uma jornada do Condado à Valfenda e de Valfenda à Mordor, perseguido por Cavaleiros Negros e orcs, de pouca utilidade tem a companhia de um jardineiro, mas Sam se compromete a seguir Frodo, o que causa o riso dos elfos, para quem a inutilidade deste é risível, porém não menos louvável.

Se o senhor não voltar, então certamente também não voltarei, isto é certo. *Não o deixe!*, disseram para mim. *Deixá-lo!*, eu disse. *Nunca pensei nisso. Vou com ele, mesmo que suba até a Lua; e se qualquer um daqueles Cavaleiros Negros tentar impedi-lo terão que se ver com Sam Gamgi*, eu disse. Eles riram. (TOLKIEN, 2009a, p. 90, grifos do autor).

Ainda no que tange o prazer, empecilho para a Amizade, a erotização das amizades tem gerado muitas confusões sobre o que de fato é ser amigo. Na *internet*, jovens falam em “*bromance*”, dois amigos fraternos (*Brothers*) que se amam de uma forma que quase parece um romance erótico, mas não se trata disso, só são grandes amigos. Esse termo demonstra uma confusão de linguagem entre os amores (BENTO XVI, 2008) o quanto o ἔρωσ vem sendo confundido com o φιλία.

Ainda na *internet*, há uma série de *fandoms* (comunidades de fãs de determinada pessoa ou obra que interagem entre si pela *web*) que vem na relação de Frodo e Sam uma relação homossexual, devido ao amor “*bromance*” deles, exposto em trechos como:

Sam estava sentado, recostado na pedra, a cabeça caindo de lado e com a respiração pesada. Em seu colo a cabeça de Frodo, imersa num sono profundo; sobre sua fronte branca descansava uma das mãos morenas de Sam, e a outra pousava suavemente sobre o peito de seu mestre. Havia paz no rosto dos dois. (Id, 2009b, p. 333).

Há uma série de piadas e sátiras a respeito que não valem a pena ser mencionadas. Entretanto, faz-se necessário explicar, que pautar-se no prazer carnal é aniquilar a Amizade, que vê o valor no outro separado de si, sem ser fonte de utilidade ou prazer. “Em nosso tempo, tornou-se necessário responder à teoria de que toda amizade séria e permanente é, de fato, homossexual.” (LEWIS, 2017, p. 86).

Na sociedade hedonista, pós Marquês de Sade, banalizou o sexo e confundiu todas as relações. Os gritos de libertação sexual dos anos 60 apenas foram o estopim. O sexo passou a ser uma questão de busca do próprio prazer e uma “coisificação” do outro. Fica impossível amar o outro por si mesmo, fica impossível viver uma Amizade real. Cada pessoa queria o prazer e a relação sexual tornou-se oportunidade de cada um conseguir prazer através do outro. “[...] o utilitarismo introduz esta relação paradoxal: cada uma das duas pessoas busca defender o seu próprio egoísmo, e ao mesmo tempo aceita servir ao egoísmo do outro, desde que lhe seja assim oferecida a ocasião de satisfazer o próprio” (WOJTYLA, 2016, p. 33). Fica, portanto, impossível ver qualquer Amizade profunda sem ser de maneira erótica. Sam e Frodo são amigos e estão sós no ambiente totalmente hostil de Mordor, temendo orcs, espectros e outros monstros; sofrendo com o cansaço, a fome, a sede, o medo, o alento. “Bem, agora consegui, Sam, querido Sam – disse Frodo, recostando-se nos braços delicados do amigo, fechando os olhos, como uma criança que descansa depois que os temores da noite são afastados por alguma voz ou mão amada.” (TOLKIEN, 2009c, p. 181)¹⁶. Apenas encontram paz um no outro, mas esse mútuo apoio está longe de ser erótico ou utilitarismo, afinal, cada um se doa ao outro por julgar o valor do outro e não querer algo para si. “Beijos, lágrimas e abraços não são por si evidência de homossexualidade.” (LEWIS, 2017, p. 89). Verdade essa difícil de se aceitar em um mundo onde as pessoas não estão mais familiarizadas em serem tocadas.

¹⁶ Nesse trecho em específico, Frodo estivera cativo por orcs em na Torre de Cirith Ungol por mais de um dia, nesse tempo, os monstros o despiram, chicotearam, interrogaram e ameaçaram. A presença do amigo que o salva desse tormento é, portanto, sinal de consolo e refúgio.

Portanto, ver em Frodo e Sam, ou em qualquer outro forte exemplo de Amizade da Literatura um homossexualismo simplesmente por haver afeição em sua Amizade demonstra não haver uma verdadeira compreensão da Amizade como tal. “Aqueles que não concebem a Amizade como amor substantivo, mas apenas como um disfarce ou elaboração do Eros, deixam transparecer que nunca tiveram um Amigo.” (Ibid, p. 87). A Amizade possui, portanto, mais essa característica negativa, como subdivisão da característica não-utilitária: a Amizade não é erótica.

O utilitarismo, não só fere a Amizade, mas a própria dignidade da pessoa, afinal, “[...] a pessoa é um bem que não se coaduna com a utilização” (WOJTYLA, 2016, p. 35). E ainda: “[...] não se pode usar dela, porque a função de instrumento cego, ou de meio que sirva para fins que outro sujeito se propõe atingir, é contrário à sua natureza.” (Ibid, p. 22). Ferindo a dignidade e a natureza do outro, é impossível fazer-se seu amigo, coloca-se o outro em prostração, como Saruman pôs a Gríma.

3.2 CUMPLICIDADE

Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, após ter desconsiderado as relações baseadas na utilidade e no prazer como Amizade real, concebe a Amizade como uma relação entre dois homens bons. Segundo o Estagirita, dois homens maus não são amigos, porque não amam o bem que cada um é, pois esse não existe, mas apenas estão juntos por um objetivo nefasto comum (ARISTÓTELES, 2015)¹⁷. Essa cumplicidade não é Amizade, ainda que seja confundida como tal, afinal, “[...] usamos a palavra *amigo* como o significado ‘aliado’. No uso normal, *amigo* significa, ou deveria significar, muito mais do que isso.” (LEWIS, 2017, p. 98).

Essa cumplicidade está também presente em o Senhor dos Anéis, entre os personagens maus, cujas amizades fracassam uma a uma. Saruman é degolado por Língua de Cobra; Gollum arrasta Frodo para a toca de Laracna; Sauron é traído por Saruman que tenta roubar o Um Anel para si; os homens de Rhûn e Harad foram abandonados pelo exército de Mordor em plena batalha; os orcs se digladiam constantemente em Mordor. “[...] os conflitos entre os amigos se produzem mais frequentemente quando eles não são amigos da maneira que eles acreditam ser.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 244)¹⁸. Foi exatamente essa má amizade que salvou Frodo e Sam, duas vezes. Foi a briga entre os capitães orcs Shagrat e Gorbag, na Torre de Cirith Ungol, que levaram os monstros a de

¹⁷ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Θ.

¹⁸ Ibid, I, 1165b, 7.

aniquilarem por ordem de seus líderes, liberando o caminho para que Sam salvasse Frodo. Na segunda vez, um orc soldado ia ao lado de um orc farejador, ambos estavam para descobrir os hobbits escondidos e capturá-los, mas começaram a brigar entre si, golpeando-se. O que levou Sam a expor a não-amizade dos maus: “Bem, isso é o que eu chamo de golpe certo – disse ele. – Se esse espírito de amizade se espalhasse em Mordor, metade de nossos problemas estariam terminados.” (TOLKIEN, 2009c, p. 200). Ao que Frodo explica que eles não se gostam de verdade, mas estão unidos somente pelo ódio aos hobbits e a todos os inimigos de Sauron.

Essas cumplicidades não só não podem ser classificadas como Amizade, devido à ausência de amor, mas também pela corrupção que prestam um ao outro, afinal, impedem-se de serem felizes e afundam-se na maldade, e essas duas características são exatamente o oposto de virtude, realização do homem e felicidade deste. Por isso, essa cumplicidade levou Santo Agostinho de Hipona a bradar: “Oh! Amizade tão inimiga!” (AGOSTINHO, 2010, p. 58). Afinal, foram as más companhias daqueles que tinha por amigos que o fizeram cometer más ações (o furto de frutas), como narra em suas confissões: “O fato é que não eram os frutos que me atraíam, mas a ação má que eu cometia em companhia de amigos que comigo pecavam.” (Ibid, p. 57). A companhia de amigos verdadeiros, portanto, bons, pode melhorar o indivíduo, porém o mesmo se dá, em sentido inverso, se os amigos são maus. “Uma Amizade (como vista pelos antigos) pode ser um aprendizado da virtude; mas também (como não viram) um aprendizado dos vícios.” (LEWIS, 2017, p. 112). Por isso Santo Agostinho confessa: “Assim, eu manchava as fontes da amizade com a sordidez da concupiscência e turbava a pureza delas com a espuma infernal das paixões.” (AGOSTINHO, 2010, p. 61).

A cumplicidade não se sustenta em Amizade devido a incapacidade dos maus de amar o bem do outro, tanto porque os maus não querem o bem do outro, quanto porque esses outros não possuem bem, em sua maldade. O resultado, portanto, da cumplicidade é que logo desembocará em traição. A traição é um ato próprio do homem mau, tão perverso que fez o próprio Gandalf, o branco, exclamar: “Traição, é a traição que receio; traição daquela criatura miserável. Mas precisava ser assim. Vamos nos lembrar de que um traidor pode trair-se a si mesmo e fazer o bem que não pretende. Pode ser assim, algumas vezes. Boa noite!” (TOLKIEN, 2009c, p. 79). Gollum traiu os hobbits que devia guiar, mas sua traição acarretou na sua própria morte e na destruição do Um Anel, no fim, saiu um bem de seu mal, mas não pela sua intenção, obviamente. Todos os casos citados no início deste tópico demonstram que os maus não conseguem ser amigos por muito tempo, mas acabam e traíndo.

Com isso, a Amizade não é algo para homens maus, mas para homens bons, virtuosos. Sendo esses verdadeiramente virtuosos, é o bem de cada um que os une e essa mútua benignidade os faz ajudarem-se mutuamente a se tornarem ainda melhores. Portanto, a Amizade não se dá entre homens maus ou entre um homem mau e um homem bom, ou entre homens nem maus nem bons, mas se dá entre homens bons, e não só isso, ela se dá entre homens bons que se ajudam a serem melhores. “Mas a amizade perfeita é aquela dos homens bons e que são semelhantes em virtude, pois esses homens bons desejam igualmente coisas boas uns aos outros, e eles são bons por si mesmos.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 213)¹⁹.

Se não se busca fazer o amigo ser melhor, então não há amizade, há uma cumplicidade, de maldade ou de mediocridade, “[...] pois é próprio dos amigos virtuosos evitarem o mal e de não tolerá-lo em seus amigos. (Ibid, p. 223)²⁰. Por isso, Sam apoiou Frodo para que esse não se corrompesse com o peso do Um Anel.

A mente de Sam estava quase totalmente ocupada com seu mestre, mal notando a nuvem escura que se abatera sobre o próprio coração. Colocara Frodo à sua frente agora, e ficava de olho em cada movimento seu, apoiando-o quando tropeçava, tentando encorajá-lo com palavras desajeitadas. (TOLKIEN, 2009b, p. 241).

Talvez se argumente contra isso que mudar o amigo não é ser amigo, pois se é amigo da pessoa tal como ela é. Chesterton (2001, p. 97) mesmo o afirmou: “O amigo de um homem gosta dele, mas deixa-o permanecer como é, enquanto a sua mulher o ama, mas está constantemente tentando mudá-lo”. De fato, o ἔπος quer para si, então deseja mudar ao seu gosto, por isso é comum ver mulheres querendo moldar os maridos, mas o amigo gosta do outro do jeito que é, mas isso não inclui os vícios. Do amigo se ama os gostos, as maneiras, as ideias e as virtudes, mas não se ama os vícios, pois esses não fazem parte do bem que o amigo é, por isso, suporta-se as mazelas do amigo e busca-se auxiliá-lo a se desenvolver e ser aquele bem que de fato é, na sua totalidade. “Se nossos amigos são, ao contrário, suscetíveis de se consertar, nós temos o dever de ajuda-los moralmente, e ainda mais financeiramente, pois isso é melhor e próprio da amizade.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 245)²¹.

Um grande exemplo de Amizade, que sem dúvidas tem tudo a ver com esse trabalho foi a Amizade de J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis, uma Amizade de mais de trinta anos. Essa experiência de Amizade tão forte, sem dúvidas, inferiu tanto na descrição de

¹⁹ Ibid, Θ, 1156b, 5-8.

²⁰ Ibid, Θ, 1159b, 3-8.

²¹ Ibid, I, 1165b, 18-19.

Lewis sobre o amor φιλία, um de seus quatro amores, e em Tolkien serviu para que experimentasse aquilo que transpôs em suas personagens. Entre eles, também havia o desejo de que o outro fosse melhor. Tolkien buscava que Lewis se convertesse de seu ateísmo e abraçasse a sua Fé Católica, seu maior tesouro. “**Tolkien** conseguirá, através de sua amizade literária, trazer **Lewis** para a fé cristã, ainda que, apesar do esforço, não tenha conseguido fazer que passasse da Igreja da Inglaterra para a Igreja Católica.” (MARTINS-FILHO, 2017, p. 170, grifos do autor). E Lewis impulsionava Tolkien a escrever e fazia correções em suas obras.

Tolkien emprestou a Lewis um rascunho de “The Gest of Beren and Lúthien” (que mais tarde tornou-se “The Lay of Beren and Lúthien”), que Lewis encheu as margens com comentários construtivos. Ele parece ter se dado conta rapidamente de que Tolkien poderia ser sensível a críticas. Assim, nos comentários mais duros, Lewis disfarçou as suas opiniões escrevendo sob o nome de críticos fictícios “Schick”, “Peabody” e “Pumpernickel”, e cada um deles tinha algumas palavras a dizer.” (WHITE, 2013, p. 122).

A Amizade de Tolkien e Lewis, bem como a de Frodo e Sam, em que esse não permitiu que este matasse Gollum, tornando-se assim um assassino, servem como modelo de uma não cumplicidade, pois apesar de estarem juntos desinteressadamente, baseiam-se no bem mútuo, do qual é bom que se desenvolva. “Por isso, um sinal inequívoco da autêntica amizade é a melhora contínua dos amigos pela ajuda que um dá ao outro.” (UGARTE, 2015, p. 67). Portanto, uma outra característica negativa da amizade é a não tolerância do mal no outro, o que pode levar até mesmo a perda da amizade, como Sméagol corrompeu-se em desejos pelo Um Anel (que enche o coração das pessoas de sombras, malícia e cobiça, corrompendo-as) a ponto de matar seu amigo Déagol, tornando-se, assim, Gollum. “Vai mesmo, meu querido?”, disse Sméagol; e segurou Déagol pela garganta e o estrangulou, porque o ouro era muito brilhante e bonito. Depois pôs o anel em seu dedo.” (TOLKIEN, 2009a, p. 55).

3.3 DESIGUALDADE

Para Aristóteles, a Amizade é uma virtude ligada à virtude da justiça: “a mais alta expressão da justiça parece ser uma marca da amizade.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 210)²². Esta justiça pode ser definida como dar a cada um aquilo que lhe é devido. (MARTINS-FILHO, 2017). O que o Estagirita pensa relacionando essas duas virtudes é

²² Ibid, Θ, 1155a, 28.

que a Amizade é uma questão de justiça, dar a cada um o que lhe é devido. Mas o que é devido ao amigo? O bem. O verdadeiro amigo é aquele que é bom (como exposto no tópico anterior), e o bom não merece outra coisa que não o bem. Na Amizade é preciso ser benévolo, isto é, desejar o bem ao amigo. Porém, não basta desejar o bem para o amigo unilateralmente. “A benevolência é um tipo de sentimento afetivo, não sendo, no entanto, amizade.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 249)²³. É preciso desejar o bem para o amigo e que este deseje o bem para o primeiro. Não basta, portanto, ser benevolente, é preciso haver uma mútua benevolência, uma reciprocidade. “É preciso então existir benevolência mútua, isto é, cada um desejando o bem do outro” (Ibid, p. 212)²⁴.

Desejando-se mutuamente todos os bens, os amigos são portanto, iguais, sem disparidades entre si. Nessa relação de igualdade, não podem haver hierarquias, ou não se tratará de fato de uma amizade. A marca mais característica do Um Anel é, em seu poder maligno, trazer a inimizade, mas a chave para essa inimizade é justamente porque ele promete poder e superioridade a quem o possui, ou seja, traz a inimizade, trazendo a disparidade. “Um Anel para a todos governar; Um anel para encontrá-los, / Um Anel para a todos trazer; e na Escuridão aprisioná-los.” (TOLKIEN, 2009a, p. 269), aparece inscrito no próprio Um Anel. Esse é poder de Sauron, o poder de Mordor, a inimizade, a disparidade pela ânsia de ser maior que os demais. Esse desejo leva Boromir a atacar Frodo, quem deveria proteger, rompendo assim a Sociedade do Anel. “Pode dizer que eu sou forte demais e o tomei à força. Porque eu sou forte demais para você, pequeno – gritou ele, e de repente subiu na pedra e saltou sobre Frodo. Seu rosto belo e agradável estava terrivelmente transformado; um fogo feroz lhe queimava os olhos.” (Ibid, p. 426). A desproporção entre Frodo e Boromir, pois este sentia-se superior por sua linhagem, trouxe ruína à relação amigável entre eles.

A questão da disparidade é que, caso haja um superior e um subordinado, não haverá igualdade, mas uma relação de senhor e servo, da qual um é útil e outro é prazeroso, o que, como exposto anteriormente, não seria amizade, mas bajulação, afinal, “[...] o bajulador é um amigo em estado de inferioridade” (ARISTÓTELES, 2015, p. 222)²⁵. No caso de Frodo e Sam, parece haver uma desigualdade, pois Sam é o jardineiro de Frodo, e chama-lhe Mestre, mas essa desigualdade é mera aparência, pois são amigos de infância que cresceram ouvindo Bilbo, a relação de serviços prestados não é uma relação de servidão, pois no Condado não há senhores e servos, mas todos ajudam-se

²³ Ibid, I, 1166b, 30.

²⁴ Ibid, Θ, 1156a, 4.

²⁵ Ibid, 1159a, 14.

mutuamente e vivem em estado de abastamento, a típica economia distributista de G. K Chesterton (2016), mas sobre isso tratar-se-á mais adiante. Por agora, basta afirmar que sendo Mestre de Sam, Frodo não é seu superior, por isso não lhe dá ordens, e Sam é livre para segui-lo no perigo, contra a vontade de Frodo.

Quando os amigos se desejam o bem mutuamente, começam a dar todo o bem que possuem para o outro, o que lhes faz darem também a si mesmo, pois só são capazes de tamanha benevolência os bons amigos e é exatamente essa bondade que eles dão. “De qualquer maneira, as amizades que falamos implicam igualdade e as duas partes recebem as mesmas coisas uma da outra, e desejam reciprocamente os mesmos bens, ou trocam uma coisa por outra” (ARISTÓTELES, 2015, p. 219)²⁶. A igualdade entre os amigos não é só em posição social, mas no bem próprio, isto é, em virtude. A Amizade exige que cresçam em virtude juntos, caso ocorra um desfalque significativo, tornando-se um mais virtuoso que o outro, ocorre assim o rompimento da Amizade.

Quando a distância que separa os dois amigos é considerável, como nas amizades de infância, e um permaneceu criança quanto à inteligência, enquanto o outro se tornou um homem de grande valor, como eles poderiam ser amigos, não tendo os mesmos gostos, nem os mesmos prazeres, nem as mesmas dores? Mesmo em suas relações mútuas, essa comunidade de sentimentos lhes será falha, e existe aí uma condição sem a qual, nós sabemos, eles não podem ser amigos, já que não lhes é possível viver um com o outro. (Ibid, p. 245)²⁷.

Nessa relação de igualdade e reciprocidade, os amigos vão abrindo seu mundo interior um para o outro, de forma acautelada, mas sem medos (isso ainda será tratado de forma mais ampla adiante). O medo de expor seu mundo interior ao outro não é próprio da Amizade, pois essa posição é própria para defender-se de estranhos e inimigos. Colocar os amigos no mesmo raio de prudência que os inimigos é não saber diferenciá-los. Esse nível de desconfiança existe em pessoas amarguradas, que Aristóteles (2015) julga não serem capaz de ter amigos. Essa amargura está bem expressa no poema “Versos Íntimos”, de Augusto dos Anjos: “Toma um fósforo. Acende teu cigarro! / O beijo, amigo, é a véspera do escarro, / A mão que afaga é a mesma que apedreja. / Se a alguém causa ainda pena a tua chaga, / Apedreja essa mão vil que te afaga, / Escarra nessa boca que te beija!” (ANJOS, 2012, p. 95).

Essa tendência de fechar-se ao amigo, como se fecha a um inimigo, guardando segredos e criando barreiras, como quem disfarça sua personalidade, não configura

²⁶ Ibid, Θ, 1158b, 1-3.

²⁷ Ibid, I, 1165b, 25-30.

Amizade, afinal, afirma C. S. Lewis (2017, p. 100): “O Eros deseja corpos nus; a Amizade, personalidades despojadas”. O que vai exatamente contra a posição desconfiada e bloqueada do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2013, p. 85): “Diante do amigo não queres usar roupa alguma? Será que é em honra de teu amigo que te entregas a ele tal qual és? Pois é por isso que te manda para os diabos!”. Não, não se deve mostrar roupa alguma ao amigo, e se “te manda aos diabos” é porque não é o bem que está sendo dado, mas o mal, e já foi enunciado no tópico anterior que a maldade rompe amizades. Disfarçando-se de “super-homem” o indivíduo não vai conseguir reais amigos, talvez consiga quem lhe tema, mas esta desigualdade não configura uma real amizade. Esse desnudar-se da sua personalidade é, portanto, imprescindível. “A amizade não começa a crescer até que abrimos o mundo interior ao que começa a ser nosso amigo.” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 162). E é claro que esse desnudar-se não é fácil, e muito menos se dá de forma rápida. “Deve-se, para uma amizade perfeita, adquirir alguma experiência de seu amigo e entrar em sua intimidade, o que é extremamente difícil.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 218)²⁸.

Essa dificuldade em entrar na interioridade do outro ou permitir que este entre na sua, é exatamente o que faz necessário a paciência, por isso foi dito, de forma acautelada, mas sem medos. Essa paciência é precisa pois esse desnudar-se da personalidade é gradual e vais e dando, naturalmente, no convívio. “[...] se o desejo de amizade surge rapidamente, a amizade não.” (Ibid, p. 214)²⁹. Com os hobbits há esse conhecer do outro: “Afinal de contas, deve se lembrar que o conhecemos bem, e sempre estamos de olho em você. Geralmente conseguimos adivinhar o que está pensando. Eu também conhecia Bilbo. Para falar a verdade, tenho ficado de olho em você desde que ele partiu”. (TOLKIEN, 2009a, p. 109).

Esse desejo de conhecer vai se dando com o tempo, de forma natural, o que leva a concluir que qualquer “forçar de amizade”, uma falta de naturalidade, não pode ser Amizade. E a naturalidade paciente só é possível porque amigos não desejam ser amigos simplesmente, e são unidos por outro motivo e, por causa desse motivo, vão se abrindo um ao outro, dando todo o bem àquele que passa a ser o amigo. Simplesmente se desnudar em um ato de desejo de amor, não é próprio da Amizade, talvez seja do ἔρωσ, mas não da Amizade. “Amantes estão sempre dizendo um ao outro algo sobre seu amor; Amigos quase nunca falam acerca de sua Amizade. Amantes estão, normalmente, face a face, envolvidos um com o outro; Amigos estão lado a lado, envolvidos com algum interesse

²⁸ Ibid, Θ, 1158a, 15-16.

²⁹ Ibid, Θ, 1156b, 32-33.

comum.” (LEWIS, 2017, p. 87-88). Por isso, não se configura como Amizade tanto o velar do mundo interior, quanto o desvelamento total e repentino deste. Não e pode querer ter um amigo de uma vez como se fosse um fim, isso tornar-se-ia interesse no seu bem, trazendo desigualdade. “É por essa razão que aquelas pessoas patéticas que simplesmente ‘querem amigos’ nunca farão amigos. A própria condição para ter Amigos é que deveríamos desejar algo mais do que Amigos.” (Ibid, p. 94).

Por fim, um último fator que pode desfazer o equilíbrio próprio da Amizade é o ciúme. C. S. Lewis chama a amizade de “o menos ciumento dos amores.” (Ibid, p. 88). Em sua trilogia cinematográfica de *O Senhor dos Anéis* (2001, 2002 e 2003), Peter Jackson investe em uma relação de desconfiança e ciúmes entre Frodo e Sam. O Frodo Bolseiro de Elijah Wood é de uma ingenuidade cândida, tendo não apenas compaixão por Sméagol, mas gostando deste como amigo, o que, como exposto no tópico anterior, não seria possível. Sméagol investe então na intriga entre os hobbits, colocando Sam na condição de ciumento, até que Frodo o expulsa e parte sozinho com o traiçoeiro Gollum. Esse disparate da criatividade de Peter Jackson não está contido na obra original de J. R. R. Tolkien, Sam nunca foi expulso da presença de seu amigo e ele não tem ciúmes de Frodo, e nenhum destes tem ciúmes de Pippin ou Merry. Os quatro amigos se amam e se alegram de ver os outros serem amados, tudo de uma forma benevolente, livre de ciúmes.

Qual o problema do ciúme? Se a Amizade é a justa relação igualitária, como exposto, e cada qual deseja o bem ao outro por justiça e não interesse, então sentir-se desejoso do amigo a ponto de sentir-se incomodado com a Amizade do amigo para com outro é, justamente, desfazer o equilíbrio, ou seja, desfazer a Amizade. A Amizade não pode ser um investimento de bem a ponto de resgatá-lo com juros.

Eles pensam, de fato, que deve ocorrer com a amizade o mesmo que ocorre com uma sociedade de capitais, na qual os associados que entram com mais dinheiro recebem uma parte maior dos benefícios. Mas, por outro lado, uma amizade desprovida de recurso ou em qualquer estado de inferioridade, tem um raciocínio oposto: nela, é papel de um verdadeiro amigo ajudar aqueles que precisam dele. Para que serviria ser amigo de um homem bom ou de um homem poderoso, se não há nada de vantajoso para esperar dele? (ARISTÓTELES, 2015, p. 236)³⁰.

É próprio da Amizade desejar todo bem ao amigo, querer o bem do amigo para si ou sentir-se mal por outros desejarem o bem ao amigo não é próprio da justa igualdade. O receio de ser posto de lado não condiz com a posição de dar o bem que é devido sem

³⁰ Ibid, Θ, 1163a, 30-35.

exigir nada em troca. Ciúmes são portanto, uma característica própria daquilo que não é Amizade.

Esse amor, que é livre do instinto e do dever, exceto daquele que o amor livremente assumiu, e quase livre por inteiro do ciúme, sem necessidade de ser necessário, é eminentemente espiritual. É o tipo de amor que alguém pode imaginar acontecendo entre anjos. Será que encontramos aqui um amor natural, que é o Amor em si? (LEWIS, 2017, p. 108).

C. S. Lewis não o declara de forma completa, mas permite uma parcela de ciúme, o que é tolerável enquanto sentimento, pois o instinto pode exigir o bem para si, mas o que não é normal desse amor racional e justo é deixar o instinto dominar. Ainda sobre a relação de Sam e Sméagol, fica claro que o gorducho hobbit não tem ciúmes da criatura com Frodo (Sam teme a traição de Gollum, fator este que o próprio Frodo, e até Gandalf temem), ao chamar Gollum para auxiliar na confecção de alimento para seu mestre e, após pronto o ensopado de coelhos, não esconde o mérito da criatura: “Um presente de Sméagol – disse Sam –: um par de coelhos tenros” (TOLKIEN, 2009b, p. 269).

Portanto, a Amizade se dá quando dois homens bons desejam-se mutuamente, de forma equivalente, o bem, pois esta é uma questão de justiça, que os bons recebam o bem. Entre os bens que se deseja ao amigo, está o maior bem que o homem bom pode dar, sua própria bondade, o que o leva a abrir sua interioridade ao amigo. Esse movimento de abertura da interioridade, de desnudamento da personalidade, envolve paciência e desinteresse, pois se dá lentamente em um aprendizado do outro reciprocamente, o que leva tempo. Nessa relação de dar o bem que é devido ao bom amigo, não pode haver ciúmes, pois a benevolência pressupõe desinteresse em ser retribuído ou em apropriar-se unicamente e exclusivamente do outro. Só levando tudo isso em consideração há uma equivalência que já é amizade. Portanto, discrepâncias, interesses, ocultamento de sua interioridade, pressa deste mesmo desvelamento e ciúmes, são características que delimitam aquilo que não é amizade.

Em suma de tudo que foi exposto no presente capítulo, a Amizade não é uma relação utilitária, onde o outro é apenas fonte de utilidade ou prazer; a Amizade também não é uma cumplicidade, ou seja, não é algo para homens maus, ou para omissos que toleram o mal no outro; a Amizade, por fim, também não é uma relação de desigualdade, onde um é mais amado que o outro, ou em que um é melhor que o outro (o que seria bajulação por parte do inferior), ou ainda em que um deseja a posse ou exclusividade do outro (que é sucumbir ao ciúme) – A Amizade requer justiça, dando ao outro todo bem, o que, no homem bom, inclui a si mesmo (STORK; ECHEVARRÍA, 2005). Antes de se

expor o que é próprio da Amizade, foi preciso expor aquilo que é necessariamente um empecilho para a Amizade. Esses fatores, ao serem negados, podem ser considerados “atributos negativos” (isto é, adjetivos de negação, com prefixação negativa) da Amizade: o desinteresse, a intolerância para com o mal e o desequilíbrio. Todas essas “negações” servem para descrever a Amizade de Frodo e Sam. O que de fato é a Amizade tratar-se-á no capítulo seguinte.

4 O QUE É AMIZADE

Não é nenhum pouco simples definir a Amizade, nenhum autor o faz de forma expressa, ou põe-se a descrever ou expressar de forma poética, mas, após apresentar suas características negativas, isto é, aquilo que não lhe é própria, segue-se o que lhe é próprio positivamente. Frodo e Sam se amam: Amizade é uma virtude, uma virtude baseada no amor; esta Amizade, como todas as Amizades inicia-se em um companheirismo devido a um interesse em comum e logo torna-se a Amizade de fato; A Amizade é ter na figura do amigo um outro eu, como Sam se doa a Frodo como se só houvesse o interesse de seu mestre.

Após definir a Amizade no seu sentido mais profundo, também será tratada a Amizade como base para a boa convivência política, tal como formulado por Aristóteles e possível de se notar na política distributiva do Condado e entre os povos livres.

4.1 O AMOR ΦΙΛΙΑ

Frodo e Sam caminharam por dias nos Pântanos Mortos, sem comer, sem dormir direito e cercado por espectros e cadáveres. Já exaustos pela viagem desde o Condado, Frodo ainda vinha sendo consumido pelo peso do Um Anel, podendo tornar-se um espectro ou algo semelhante a Gollum, mas Sam não deixou de estar do seu lado em todo esse percurso. O que movia Sam? Sem dúvidas, seu amor por Frodo, como ele mesmo disse para si: “Balançou a cabeça, como se as palavras lhe parecessem inúteis, e murmurou: – Eu o amo. Ele é assim, e algumas vezes isso se manifesta, de alguma forma. Mas eu o amo, quer isso aconteça ou não.” (TOLKIEN, 2009b, p. 266). O amor era recíproco: “Samwise Gamgi, meu querido hobbit – na verdade, meu hobbit predileto, amigo dos amigos –, não acho que devemos pensar no que acontecerá depois disso.” (Ibid, p. 233).

Enquanto a filosofia de Platão está pautada no amor ἔρωσ e a de Santo Agostinho no amor ἀγάπη cristão (ou *Caritas*), Aristóteles propõe o amor φιλία, a Amizade, como virtude chave mestra de sua ética. (MARIÁS, 2015). De fato, toda a ética aristotélica e até mesmo sua política se baseiam nesse amor, nessa virtude. “A amizade é, de fato, uma virtude, ou implica virtude e, além disso, ela é o que existe de mais necessário para a vida.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 209)³¹. Porém, no que esses amores se diferenciam? Por que insistir com a φιλία Aristotélica?

³¹ Ibid, Θ, 1155a, 3-5.

Platão vê no homem alguém incompleto e que necessita de completude, o homem que encontra o objeto de seu ἔρως passe pela apoteose, torna-se completo. O que pode fazer uma interpretação do amor ἔρως como algo interesseiro, que deseja para si. A própria filosofia de Platão se faz pelo ἔρως, pois o homem deseja a sabedoria dos deuses, e esses não filosofam, pois não precisam daquilo que já tem, ἔρως é, portanto, “um afã de beleza” (MARÍAS, 2015, p. 63). Ἔρως é um amor indispensável para a vida, amor este próprio dos esposos (LEWIS, 2017).

Se de um lado o amor ἔρως é tão natural e próprio do homem, o ἀγάπη é místico, divino. Esse amor “Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, em vez disso, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes, procura-o.” (BENTO XVI, 2008, p. 13), esse amor não é próprio do homem, mas é sobrenatural, não havendo espaço para ele na investigação filosófica.

Aristóteles está no meio entre as virtudes. Se o ἔρως é tão natural e ligado a matéria (uma vez que os deuses não o têm) e ἀγάπη é tão sobrenatural que só a revelação do cristianismo poderia trazê-lo, o amor φιλία é tão próprio do homem quanto a sua natureza racional, mas, ao mesmo tempo, é tão elevado quanto essa faculdade. Aristóteles é quem une forma e matéria em sua filosofia, o amor, para ele deve ser, assim, algo tão humano quanto uma virtude e tão espiritual quanto a sabedoria. (ARISTÓTELES, 2015)³². A Amizade, a φιλία, é, em conclusão, um amor humano elevado. “Uma vez que a Amizade é o mais espiritual dos amores” (LEWIS, 2017, p. 121).

Por isso, essa virtude exige um crescimento por parte do homem que deseja possui-la, e só a conseguirá depois que a prática constante levar ao hábito, como se apresentará no tópico seguinte. Portanto, a Amizade é algo para homens bons, o que os maus que irrompem no vício têm é, como já exposto, uma cumplicidade. “Mas a amizade perfeita é aquela dos homens bons e que são semelhantes em virtude” (ARISTÓTELES, 2015, p. 213)³³. Assim, Frodo Bolseiro é um hobbit virtuoso, por isso digno de amigos: “Frodo não era muito gordo, nem muito tímido; na verdade, embora não soubesse disso, Bilbo (e Gandalf) o consideravam o melhor hobbit do Condado.” (TOLKIEN, 2009a, p. 146).

De fato, a virtude do amigo faz com que a justiça implícita na Amizade faça do amigo ainda mais digno de Amizade, pois o bom, merece o bem. Isso também esteve expresso em Hamlet, quando o protagonista homônimo revelou o segredo de sua afeição por Horácio, sua virtude: “Dá-me esse homem / que não se torna escravo da paixão, / e

³² Ibid, Θ.

³³ Ibid, Θ, 1156b, 5-8.

eu o trarei no fundo do meu peito, / no coração do próprio coração, / como eu te tenho.” (SHAKEASPERE, 2010, p. 40)³⁴. Em sentido contrário, o amigo não suporta ver o vício e o mal em seu companheiro, corrige-o. Sobre isso, já se tratou o bastante anteriormente.

Ora, a igualdade e a semelhança constituem a amizade, particularmente a semelhança daqueles que são semelhantes em virtude, pois sendo estáveis em si mesmos, eles permanecem assim também em suas relações mútuas e não pedem nem prestam serviços degradantes, mas pode-se mesmo dizer que eles colocam aí um obstáculo, pois é próprio dos amigos virtuosos evitarem o mal e de não tolerá-lo em seus amigos. (ARISTÓTELES, 2015, p. 223)³⁵.

Mas além da virtude, é possível notar alguns fatores que fazem da Amizade um amor tão pouco natural. O primeiro é a sua “inutilidade” prática, como exposto anteriormente, mas em segundo é a sua “exclusão” do que é útil. A Amizade não só é desnecessária, biologicamente falando, como vai contra os instintos. Ao contrário do que se pode supor à primeira vista, a Amizade não pertence ao instinto gregário que une os animais, ela é exatamente o contrário: “[...] no momento em que duas pessoas se tornam amigas, de certa forma elas se afastam do resto do rebanho.” (LEWIS, 2017, p. 84). E isso se dá porque “Quando se diz ‘Estes são meus amigos’, a implicação é que ‘Estes outros não são’.” (Ibid, p. 86). A “conspiração” de Sam, Pippin e Merry fez com eles saíssem do conforto do Condado, em meio aos seus, e caminhassem para perigos com seu amigo Frodo.

Amigos gostam de estar juntos, no seu “grupinho”, e não em meio a todo o bando. Mesmo que o estejam, fisicamente, a união entre eles os colocam em uma barreira psicológica, separado dos outros. “Os amantes buscam privacidade. Os amigos encontram essa solidão ao seu redor, essa barreira entre eles e o grupo, quer queiram, quer não.” (LEWIS, 2017, p. 93).

E ainda, a virtude da justiça na qual a Amizade se pauta, faz com que o Amigo doe seu bem ao outro, o que o instinto ordena que se tome para si. Sam deixou de comer, sem que Frodo soubesse, para que seu amigo tivesse o que comer. Mais do que isso: para prosseguir com seu mestre, Sam abandonou todos seus bens que amava, atirando suas panelas em uma vala: “A batida das preciosas panelas caindo no escuro soou como um dobre fúnebre em seu coração.” (TOLKIEN, 2009c, p. 212). O romper com instinto gregário, com o instinto de autopreservação, tudo isso faz da Amizade um amor pouco natural: “[...] a Amizade é o menos *natural* dos amores; o menos instintivo, orgânico,

³⁴ SHAKESPEARE, *Hamlet*, Ato III, Cena II, 65-69.

³⁵ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Θ, 1159b, 3-8.

biológico, gregário e necessário.” (LEWIS, 2017, p. 84, grifos do autor). Dentro da lógica Aristotélica, a Amizade é o amor que está para a forma do que para a matéria, portanto, é mais perfeita.

De fato, a Amizade é um amor, não sendo possível ser amigo sem amar. “O amor é essencial para a amizade.” (UGARTE, 2015, p. 39), e ainda, “[...] amar é a virtude dos amigos” (ARISTÓTELES, 2015, p. 223)³⁶. A Amizade é mais do que uma benevolência, um querer bem, ao outro, um abrir de sua interioridade, a Amizade é amar o amigo, e esse amor deve ser recíproco, como o de Sam e Frodo, afinal “[...] a amizade consiste mais em amar do que ser amado” (Ibid, p. 222)³⁷. Cada um dos amigos se doa sem interesse algum, e o outro deve agir de forma semelhante (livremente), desse amor mútuo, surge a equilibrada e justa *φιλία* aristotélica, a Amizade.

Assim, fica estabelecido que a Amizade se dá em uma troca de benevolência, ama-se o bom e se dá todo bem ao bom, mas a reciprocidade desse amor é importantíssima. “[...] não é possível ser amigo sem ter primeiramente experimentado a benevolência de um com o outro” (Ibid, p. 249)³⁸. Essa benevolência, dada livremente, dá todo gosto a vida, a ponto de levar o Estagirita a ver em *φιλία* não só uma chave filosófica, mas o segredo da felicidade. “Certamente, ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que tivesse todos os outros bens.” (Ibid, p. 209)³⁹. A Amizade é o maior bem exterior que um homem pode adquirir, sendo comparável somente à Sabedoria, maior bem interior. (UGARTE, 2015).

Com isso, apesar de poder ser buscada de forma interessada, de não se poder exigí-la, mas conquistá-la através da livre benevolência do outro, a Amizade é indispensável para a felicidade. Na obra *O Pequeno Príncipe*, a Raposa conta o que esperava ao se tornar amiga do protagonista: “eu descobrirei o valor da alegria!” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 70). Ainda que tenha todos os bens, se não tiver amigos, com quem partilhar sua alegria, de nada vale tanto ter. Ainda que se esteja em terríveis males, a presença dos amigos é suave conforto e bálsamo. “O traço mais característico da amizade é que procura a companhia do amigo, encontra satisfação nela” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 162). Sem amigos, Merry não se sentia feliz. “O último brilho do sol da manhã faiscara sobre lança e elmo e se perdera, e ainda ele permanecia ali, com a cabeça curvada e o coração pesado, sentindo-se solitário e sem amigos.” (TOLKIEN, 2009c, p. 153).

³⁶ Ibid, Θ, 1159a, 35.

³⁷ Ibid, Θ, 1159a, 27-28.

³⁸ Ibid, I, 1167a, 6-7.

³⁹ Ibid, Θ, 1155a, 5.

Como Frodo e Sam nunca se separam (até mesmo quando Frodo é convocado para um conselho secreto, e Sam não), é em Pippin e Merry que são dadas as lições de Amizade quando os amigos estão longe. Os pequenos hobbits sofrem com a ausência um do outro, sentindo-se cobertos de tristeza e melancolia. Na cidadela real de Minas Tirith, em Gondor, Pippin sente-se angustiado pelos tempos difíceis que emergem, busca portanto um amigo em quem se apoiar, o único rosto amigável na cidade é Gandalf, sempre ausente. “Depois da refeição Pippin permaneceu lá por mais um tempo, e então saiu, pois foi tomado de uma estranha melancolia, desejando muito ver Gandalf de novo.” (Ibid, p. 31). A presença de Gandalf é amigável, mas o mago está fechado em problemas que busca remediar. Enquanto isso, em Rohan, Merry sente a mesma melancolia, ao ver Aragorn, Legolas e Gimli partirem para as Sendas dos Mortos (de onde ninguém retorna vivo), os maus dias apertam seu peito e ele também quer um amigo. “Adeus! – disse Merry. Não consegui encontrar outras palavras. Sentiu-se muito pequeno e estava consternado e deprimido diante de todas aquelas palavras melancólicas. Mais do que nunca sentia falta da inesgotável alegria de Pippin.” (Ibid, p. 40). Mais adiante, Merry parte em meio aos *rohírim* para Gondor, então o desejo da companhia do amigo é sentido:

Merry queria conversar com alguém e pensava em Pippin. Mas isso só aumentava sua ansiedade. Pobre Pippin, enclausurado na grande cidade de pedra, sozinho e com medo. Merry desejou ser um Cavaleiro alto como Éomer, e poder tocar uma corneta ou alguma outra coisa, para ir a galope resgatar o amigo. (Ibid, p. 96).

Trechos como estes revelam que a Amizade é fonte de deleite. O amigo não deve ser útil, mas nada o impede de ser, pelo seu bem, deleitável. Por isso exclama Santo Agostinho (1995, p. 264): “Boa é a alma do amigo, pela doçura, entendimento e fidelidade do amor”. No amigo, a tristeza é suplantada, de fato, tanto as alegrias são mais completas ao lado dos amigos, como as tristezas tornam-se mais fáceis de serem suportadas.

E é por essa razão que se pergunta ainda se a necessidade de amigos é mais sentida na prosperidade ou na adversidade, visto que se o que está na adversidade precisa de pessoas que lhe prestem serviços, assim como os homens prósperos precisam, eles mesmos, de pessoas às quais eles possam beneficiar. (ARISTÓTELES, 2015, p. 258)⁴⁰.

Na tristeza, a companhia dos hobbits serve de apoio de uns para os outros.

Por fim os três companheiros se voltaram, e sem olhar para trás mais nem uma vez sequer foram lentamente em direção de casa; não trocaram palavra até chegarem de volta ao Condado, mas cada um

⁴⁰ Ibid, I, 1169b, 14-16.

sentia um grande consolo na companhia dos amigos, naquela longa estrada cinzenta. (TOLKIEN, 2009c, p. 315).

É de responsabilidade do amigo abraçar o peso que oprime o outro, dando todo auxílio possível, é esse ímpeto que levou os três hobbits a seguirem Frodo do Condado à Mordor. Amor é comunhão, dar do seu bem ao outro, e porque não tomar o mal do outro sobre si, afim de que esse torne-se menos pesado ao amigo? Se se comunga os bens, por que não os males? Esses raciocínios fogem à lógica fria, mas a Amizade está em um patamar mais elevado, além dos instintos. Amigos de verdade, ao contrário dos amigos que se apoiam no utilitarismo, não se abandonam quando a hora é má. Dessa vez é Rosinha Villa, futura esposa de Sam, quem dá a lição: “Bem, então vá andando! – disse Rosinha. – Se você esteve cuidando do Sr. Frodo todo esse tempo, por que quereria abandoná-lo logo que as coisas ficam perigosas?” (Ibid, p. 290). Juntos, como corda trançada que não se rompe facilmente, os amigos podem encarar os problemas. E quão leal é o amigo que assim procede! “Sam se afastou da lateral do túnel e se chegou na direção de Frodo, e as mãos deles se encontraram e se apertaram, e desse modo, juntos, eles continuaram sempre em frente.” (Id, 2009b, p. 339).

Em suma, a Amizade, a *φιλία* aristotélica, é uma virtude cuja essência é o amor. Sua nobreza é alta, sendo um dos maiores bens para o homem, mas sendo tão elevada espiritualmente que pode contrariar alguns aspectos meramente naturais, instintivos. “Somente esse, de todos os amores, parecia elevá-lo ao nível dos deuses ou dos anjos.” (LEWIS, 2017, p. 85). Esse amor impulsiona o homem a contrariar seus desejos próprios e seu egoísmo. Bons amigos se amam e partilham de suas alegrias e também das suas tristezas, a presença do amigo pode ser suave conforto nas horas difíceis.

4.2 DO COMPANHEIRISMO À AMIZADE

Frodo tinha sido adotado por seu tio Bilbo Bolseiro e morava com ele em Bolsão. Após suas aventuras⁴¹, Bilbo vivia como escritor, mas amava contar as histórias de suas

⁴¹ As aventuras de Bilbo Bolseiro estão no livro de J. R. R. Tolkien intitulado *O Hobbit* (1937). Tolkien era um filólogo apaixonado por línguas antigas e tinha o excêntrico passatempo de inventar línguas. Suas histórias surgiam de palavras que ele inventava e, depois, queria dar um cenário para elas. Certo dia, enquanto corrigia provas em seu escritório, notou um buraco no carpete verde, uma palavra surgiu em sua mente e com ela uma sentença: “*In a hole in the ground, there lived a hobbit*”. Tolkien anotou em um pedaço de papel e, anos depois, continuou escrevendo a história que, ao ser publicada, tornar-se-ia um sucesso. A história narra os feitos de Bilbo Bolseiro, um hobbit que vivia tranquilamente em sua toca, até que um dia, uma caravana de treze anões, acompanhada por um mago (Gandalf, o cinzento), o convidou para fazer parte do grupo, afim de roubarem o tesouro guardado por um dragão na longínqua Montanha Solitária. Nessa aventura, Bilbo encontra Gollum e lhe rouba um anel mágico (que será revelado depois

aventuras para além do Condado. O que só atraía para perto de si crianças, pois hobbits adultos achavam estranho alguém sair do conforto do Condado para se meter com coisas estranhas como dragões, elfos e anões. Era a criançada que adorava as histórias de Bilbo: seu sobrinho Frodo Bolseiro (que com o tio aprenderia até mesmo a língua dos elfos), o filho do jardineiro Samwise Gangi, e alguns parentes distantes, como os Tûks e Brandebuques. Essas crianças vão crescer ouvindo histórias sobre os belos elfos de Valfenda ou da Floresta Negra, sobre os anões da companhia de Thórin e sobre as águias. Com um tempo foram tomando gosto pela excentricidade de Bilbo, e esse gosto foi unindo-os. De tal forma que, quando Bilbo desaparecer, Frodo continuará com a amizade deles. “Vivia sozinho, como Bilbo havia feito, mas tinha muito amigos, especialmente entre os hobbits mais jovens (em sua maioria descendentes do Velho Tûk) que quando crianças apreciavam a companhia de Bilbo e viviam entrando e saindo de Bolsão.” (TOLKIEN, 2009a, p. 43).

Não é fácil definir a Amizade, mas também não é fácil delimitar como ela se dá. Se a Amizade é uma virtude cuja essência é amar, deve ter sido exercitada. Ora, os amigos não se buscaram desejosos do bem que o outro fornece, pois isso seria utilitarismo, mas também não forma sempre amigos. A Amizade não é automática, vai sendo construída paulatinamente. Mas o que liga companheiros antes que o amor φιλία os uma como amigos? O que liga os amigos inicialmente é o bem que almejam em comum.

C. S. Lewis (2017, p. 92), melhor amigo de J. R. R. Tolkien, afirma que “Companheirismo é apenas a matriz da Amizade”. De fato, é nesse ponto que se inicia a Amizade: do simples companheirismo, o partilhar de um bem. “O amor, como foi dito, é condicionado pela relação comum das pessoas com um mesmo bem” (WOJTYLA, 2016, p. 24). C. S. Lewis é bastante acertado no quanto inicia-se um bem: “A expressão típica de começo de Amizade seria algo como: ‘O quê? Você também? Eu pensava que era o único!’” (LEWIS, 2017, p. 92).

Tolkien e Lewis partilhavam de um interesse comum, seu amor pela literatura antiga e a insatisfação com as loucuras do mundo moderno.

Pela época em que se conheceram, Lewis e Tolkien tinham muito em comum. Lewis era quase sete anos mais jovem, mas ambos lutaram nas trincheiras e, apesar de não ser familiarizado com a língua islandesa como Tolkien, também era fascinado pelas implicações misteriosas da

como o Um Anel) e, após cumprida a missão, retorna à pacata vida no Condado. Empolgado pelo sucesso de seu livro, Tolkien levou aos seus editores alguns manuscritos, mas os editores não demonstraram interesse e disseram que queriam mais hobbits, pois o povo tinha adorado aquelas criaturinhas de pés peludos e hábitos campestres, Tolkien então pôs-se a trabalhar em *O Senhor dos Anéis*, a sequência que envolviam mais hobbits. (WHITE, 2013; EDWARDS, 2012).

mitologia nórdica e pela literatura em inglês antigo. (WHITE, 2013, p. 120).

Esse amor pela Literatura reunia ambos em horas de conversa, até que do companheirismo do gosto comum e da atividade comum de professores de Oxford, tornaram-se amigos. Essa “amizade literária” vai se manifestar de tal forma, que um vai inserir o outro dentro de suas obras de ficção: “O Barbárvore de Tolkien, o *ent* que criou, foi inspirado por C. S. Lewis, em especial sua voz profunda e, às vezes, enfática: *Brm, hum!* [...] O próprio Tolkien pode ser reconhecido no personagem central das histórias de ficção científica de Lewis, o dr. Elwin Ransom.” (DURIEZ, 2018, p. 08).

Destarte, Frodo e Sam amavam as histórias de Bilbo. Sam era fascinado pelos elfos, e queria muito poder vê-los. “Perdoe-me, senhor, mas adoro histórias desse tipo. E acredito nelas também, não importa o que Ted possa dizer. Elfos, senhor! Eu adoraria vê-los.” (TOLKIEN, 2009a, p. 66, grifos do autor). Frodo não só os queria ver, como aprendeu sua língua. “Aqui está um estudioso da Língua Antiga. Bilbo foi um bom mestre.” (Ibid, p. 83). Ambos tinham um gosto em comum, muito peculiar para o Condado, diga-se de passagem. Os hobbits achavam de mal tom querer se envolver com coisas estranhas da floresta, e alguns deles nem mesmo acreditavam na existência dos primeiros filhos de Illúvatar.

Assim, uns se unem para beber, outros para jogar dados, outros ainda para fazer exercícios, caçar, estudar filosofia, e todos, em cada grupo, passam todo o dia nesse tipo de atividade, que lhes agrada mais que todos os outros tipos de ocupações, e desejam, com efeito, compartilhar com seus amigos essas atividades que lhes fornecem o sentimento de uma vida comum. (ARISTÓTELES, 2015, p. 266)⁴².

O ponto que une os amigos é, materialmente, um ou mais gostos comuns, mas, formalmente, esse pequeno partilhar do universo afetivo é um partilhar de verdades, da mesma cosmovisão, afinal, “[...] o semelhante é amigo do semelhante.” (Ibid, p. 245)⁴³. Por isso, exprimiu C. S. Lewis:

Nesse tipo de amor, como disse Emerson “Você me ama?”, significa “*Você percebe a mesma verdade?*” – ou, ao menos, “*Você se importa com a mesma verdade?*” Aquele que concorda conosco que alguma questão, pouco considerada por outros, é de grande importância, poderá ser nosso Amigo. Essa pessoa não precisa concordar conosco na resposta.” (LEWIS, 2017, p. 93-94, grifos do autor).

⁴² ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, I, 1172a, 4-8.

⁴³ Ibid, I, 1165b, 17.

Esse gosto comum é que vai delimitar como se dará a aproximação. Assim, sem que haja um ponto de unidade, um gosto comum, um “você também?”, torna-se impossível de estabelecer o companheirismo que levará à Amizade. “Os interesses comuns facilitam a comunicação e enriquecem a relação de amizade” (UGARTE, 2015, p. 48). Porém, como apontado acima pelo melhor amigo de Tolkien, esse ponto comum não precisa ser idêntico, apenas comum.

É lógico que nesse “caminhar juntos” surjam discrepâncias. Mas a amizade tem como característica especial, a discussão dialogada das discrepâncias que sabe obter um enriquecimento dos próprios pontos de vista, à base de integrar os dos demais, as diferenças. Isso faz com que a amizade implique em *semelhança*. Os amigos se identificam nos seus interesses, opiniões, gostos, leituras, diversões e até em suas maneiras de falar e de vestir. Os amigos compartilham o que fazem: gostam de fazer juntos. A amizade mobiliza energias e permite levar a cabo tarefas que sozinhos não seríamos capazes de fazer: a amizade contagia o entusiasmo e o espírito empreendedor. (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 162, grifos do autor).

Tolkien e Lewis amavam a Fantasia, mas Tolkien não gostava da natureza alegórica, defendendo a analogia e concordando com G. K. Chesterton que a função da Fantasia é apontar para o real e permitir que seja contemplado com a merecida admiração (como exposto no primeiro capítulo). Já Lewis via na Fantasia uma fuga da realidade, dando a ela somente caráter alegórico. (DURIEZ, 2018).

Assim como é possível de se notar na diferença dos dois escritores de tratar o gênero fantástico, “as diferenças de enfoque sobre o mesmo assunto podem até mesmo favorecer a amizade, pois aumentam as possibilidades de os amigos enriquecerem-se mutuamente” (UGARTE, 2015, p. 49). São essas pequenas discrepâncias que vão tornando o gosto em comum ainda mais intrigante. “Talvez nunca cheguem a ficar de acordo, mas continuará sendo apaixonante conversar sobre esse tema, que preencherá muitas horas de convivência.” (Ibid, p. 49).

Esse companheirismo vai atrair o homem bom para que esse vá revelando o que há submerso, além da ponta do *iceberg*, dos gostos semelhantes e das disputas de pequenos detalhes, o companheiro começa a abrir seu mundo interior, o que é próprio da Amizade (sobre isso, tratar-se-á no tópico seguinte). Assim, a Amizade surge de um companheirismo que estabelece um vínculo e cuja convivência vai estreitando cada vez mais. Pois, as Amizades, “[...] exigem tempo e hábitos comuns, pois, segundo o provérbio, não é possível se conhecer um ao outro antes de ter consumido sal junto, nem

ser ou aceitar alguém como amigo, antes que cada um se mostre ao outro como digno de amizade e confiança.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 214)⁴⁴.

Esse vínculo comum é o ponto onde se dá a Amizade: a comunhão. “[...] É em uma comunhão que consiste a amizade” (Ibid, p. 224)⁴⁵. Essa comunhão é o que fortalece os vínculos para que os amigos não se separem, mesmo quando a hora for má, como se fosse um trançar de cordas a fim de fazer um cabo mais resistente, como exposto no tópico anterior e como Sam fizera. “Estivemos terrivelmente ansiosos, e Sam quase não deixou o seu lado, dia ou noite, a não ser para levar recados” (TOLKIEN, 2009a, p. 233-234). Ora, foi afirmado que é o bem do amigo e a justiça é que ligam os amigos, mas é a comunhão entre eles que permite reconhecer esse bem e esse bem só é reconhecido depois que o hábito o dispõe, e o hábito só o dispõe depois que o companheirismo consagrou-se em Amizade. Porém, essa consagração não é repentina, requer tempo. “A amizade precisa de tempo” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 162).

Esse estreitar de laços, ao qual a Raposa chama de “cativar” (SAINT-EXUPÉRY, 2015), é não só não intencional e vagaroso, como requer um ritual: “é preciso haver ritos” (Ibid, p. 70). Os amigos vão combinando seus mundos, e esse combinar de mundos requer coisas em comum que são muito próprias de cada Amizade. É comum haver segredos, apertos de mão secretos, músicas para o momento ou piadas internas, pois isso faz parte desse ritual progressivo da passagem do companheirismo à Amizade. Por meio da comunhão, as coisas que existem em comum não são apenas acidentes, mas dizem próprio amigo. A risada de Pippin não é só uma risada para Merry, mas diz a própria pessoa do amigo. Tolkien via nos grunhidos de Barbárvore, não só grunhidos, mas seu amigo Jack (apelido de C. S. Lewis). A Raposa via no trigo dourado o loiro Pequeno Príncipe. Sobre isso, Santo Agostinho testemunhou:

[...] tudo o que tivera em comum com ele, agora, sem ele, transformava-se em sofrimento ilimitado. Meus olhos o procuravam por toda parte sem encontrá-lo; eu odiava o mundo inteiro, aborrecia-me porque o amigo não mais existia, e ninguém, podia dizer-me: ‘Aí em ele’, como, quando em vida (AGOSTINHO, 2010, p. 91).

Perder seu melhor amigo trouxe muita dor ao jovem retórico, mas a dor da perda do amigo se manifestava nas coisas que tinham em comum, como se fossem o próprio amigo. Ao

⁴⁴ Ibid, Ø, 1156b, 26-30.

⁴⁵ Ibid, Ø, 1159b, 32-34.

perder o amigo, Agostinho perdera aquelas atividades, pois estas tinham se tornado o próprio amigo⁴⁶:

Havia outras atrações que em prendiam o espírito: as conversas e risadas em comum, a troca de afetuosas gentilezas, a leitura em comum de livros agradáveis, o desempenho de tarefas em conjunto, ora insignificantes ora importantes, contradições passageiras, sem rancor, como acontece a cada um até consigo mesmo, e com tais contradições, assim mesmo bastantes raras, tornar mais agradável a habitual concordância de pontos de vista, o ensino recíproco de novidades, o sentir intensamente a nostalgia dos ausentes e o alegre acolhimento no retorno. Estes e outros sinais semelhantes, que brotavam de corações que amam e se sentem amados, e que manifestam no procedimento, nas palavras, no olhar e em mil gestos de agradecimento, como centelhas que inflamam muitos corações e deles fazem um só. (Ibid, p. 96).

Voltando ao questionamento de Emerson repassado por Lewis, as atividades em comum são um “Você vê a mesma verdade?”. O homem não é só um animal de rebanho, é um ser social, interage e constrói junto dos demais. A companhia do amigo nas atividades são amis do que mero “fazer juntos”, mas são um construir de mundos, onde cada qual adentra o mundo interior do outro e juntos constroem-se mutuamente.

De tal forma, nota-se que o processo de criação de uma Amizade requer paciência e um interesse pela verdade do outro.

Escutar requer esforço e paciência. Quando há verdadeira amizade, os amigos escutam um ao outro com gosto, só pelo interesse que tem um pelo outro e pela afinidade que os une. Por isso são capazes de conviver numa escuta contínua em que o tempo às vezes passa despercebido. (UGARTE, 2015, p. 41).

Nesse interesse pelo o que o outro tem a edificar, eles isolam-se do grupo e passam horas construindo um mundo comum. Como Lewis (2017) afirmou, a Amizade não tem nada a ver com o instinto gregário, é muito espiritual para isso.

Ele precisa, por consequência, ter consciência da existência do amigo, o que somente poderia perceber vivendo com ele, e compartilhando discussões e pensamentos, pois é nesse sentido que se falará em convivência quando se trata dos homens, e não é como para os animais, onde ela consiste somente em pastar no mesmo lugar. (ARISTÓTELES, 2015, p. 261)⁴⁷.

⁴⁶ Sobre a morte de um amigo, fica exposto que o vazio gerado é por sentir uma parte de si mesmo morrer com ele (essa relação do eu no outro será abordada adiante), mas não deixa de ser um processo brutal. Sam o experimentou (ainda que enganado da morte do amigo que só estava envenenado): “Frodo, Sr. Frodo! – chamou ele. – Não me deixe aqui sozinho! É o seu Sam que está chamando. Não vá para onde eu não possa segui-lo! Acorde, Sr. Frodo! Oh, acorde, Frodo, meu querido, meu querido. Acorde!” (TOLKIEN, 2009b, p. 352).

⁴⁷ Ibid, I, 1170b, 10-14.

Durante a viagem, os hobbits vão estreitando ainda mais a relação que já tinham. E esse estreitar de relações se dá exatamente porque vão se conhecendo mais e melhor, cada um apresentando as coisas que traz no coração e na mente, como Sam vai criando coragem de cantar suas canções para os amigos, o que traz o espanto de Frodo em tom brincalhão: “Estou aprendendo muito sobre Sam Gamgi nesta viagem. Primeiro um conspirador, agora um bufão. Vai acabar se revelando um mago – ou um guerreiro!” (TOLKIEN, 2009a, p. 221).

É curioso notar que a necessidade da Amizade para a felicidade parece contradizer a ideia do homem bom. Ora, se um homem é bom, está pleno, não precisa de algo exterior, mas é apenas uma primeira impressão, pois o bem é difusivo, e o homem bom sente necessidade de construir algo com outro homem bom. “De fato, nada caracteriza melhor a amizade do que o convívio (embora aqueles que estão em necessidade anseiem benefícios, os mais felizes desejam passar seus dias juntos, pois a solidão lhes convém menos que a todos os outros).” (ARISTÓTELES, 2015, p. 217)⁴⁸. A solidão, portanto, convém menos ao homem bom, que em sua bondade, e justiça, deseja partilhar do seu bem com os demais, sobretudo os bons como ele.

Assim, como vem sendo exposto, o processo de construção de Amizade é algo que é curtido com o tempo, despreziosamente: “[...] o próprio da amizade é que vá crescendo e intensificando-se.” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 163). Em meio aos anos, os companheiros vão se conhecendo e isso vai fazendo dos vínculos cada vez mais intensos. “Ofereço-lhe a possibilidade de conhecer-me a fundo, e se também tive acesso a ele nesse mesmo nível, a nossa amizade adquirirá riqueza e solidez, permanência e estabilidade, ainda que discordemos em muitos pontos.” (UGARTE, 2015, p. 44). Esse é o apelo da Raposa, pois os homens modernos querem tudo instantâneo, e a Amizade jamais se dá assim: “Os homens não têm mais tempo de conhecer nada. Eles compram as coisas prontas dos mercadores. Mas como não existem mercadores de amigos, os homens não têm mais amigos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68).

Toda Terra-Média está impregnada do espírito medieval, afinal, Tolkien detestava a liquidez do mundo moderno. Sentia falta da calma de quem planta e espera nascer. Os hobbits, são os mais pacientes da Terra-Média, vivendo da agricultura, sem guerras, muros ou máquinas. Essa vagarosidade se manifesta nas longas páginas de preparação para as viagens, demoras essas que os filmes da trilogia de Peter Jackson cortaram

⁴⁸ Ibid, Θ, 1157b, 19-23.

brutalmente. Na Terra-Média, nada é instantâneo, e as Amizades se dão por isso. Pippin observa Frodo por meses de convivência.

Afinal de contas, deve se lembrar que o conhecemos bem, e sempre estamos de olho em você. Geralmente conseguimos adivinhar o que está pensando. Eu também conhecia Bilbo. Para falar a verdade, tenho ficado de olho em você desde que ele partiu. Achei que iria atrás dele, mais cedo ou mais tarde, e ultimamente temos estado muito ansiosos. Tínhamos pavor que nos pudesse passar a perna e ir embora de repente sozinho, como ele fez. Desde a primavera, estamos de olhos abertos, e fazendo muitos planos por nossa própria conta. Você não vai escapar tão facilmente! (TOLKIEN, 2009a, p. 109).

Porém, pode ser que grandes amigos deixem de ser amigos. É possível que algo rompa com esse laço tão forte (algo que precise ser tão forte quanto), mas é possível. O poder do Um Anel fez Sméagol matar Déagol. Caso isso aconteça, o homem bom deve agir com benevolência, já que não é possível mais haver amor: “[...] devemos guardar alguma afeição àqueles que foram nossos amigos” (Ibid, p. 245)⁴⁹.

Essa construção da Amizade não pode ser feita com muitos. O que deixa claro que a sociedade moderna perdeu a noção do que é amigo. É impossível ter muitos amigos, no sentido mais perfeito. “Assim, a amizade entre colegas reúne somente um pequeno número de amigos, e as amizades celebradas pelos poetas só se produzem entre dois amigos.” (Ibid, p. 263)⁵⁰. Pode haver companheirismo, até uma relação amigável, mas amigo no sentido pleno não é possível de se ter em grande quantidade. Se o amigo é um outro eu, e essa relação não se estabelece com tantos, é algo muito particular e complexo, como será exposto a seguir.

Com isso, não fica ilógico compreender que a Amizade – que possui níveis – se dá de forma mais perfeita em poucos casos. Fator esse que choca com a modernidade, onde redes sociais calculam valores absurdos de cinco mil amigos. “Na amizade perfeita, não se pode ser amigo para muitas pessoas, da mesma forma que não se pode estar apaixonado por muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é um tipo de excesso, e é característico dele ser sentido por uma única pessoa)” (Ibid, p. 218)⁵¹.

Em suma, a Amizade surge quando homens bons encontram algo particular que os une, esse interesse ou gosto comum não precisa ser necessariamente idêntico, mas diferenças de enfoque sobre a mesma coisa por enriquecer a relação. Essa relação se estabelece inicialmente como um mero coleguismo, mas vai crescendo com o tempo,

⁴⁹ Ibid, I, 1165b, 36.

⁵⁰ Ibid, I, 1171a, 14-15.

⁵¹ Ibid, O, 1158a, 10-13.

sendo curtida, até tornar-se Amizade. O que pressupõem que é um processo que se dá com poucos, ao que não é possível ter muitos amigos, mas muitos companheiros, formando assim uma escala de intimidade.

4.3 UM OUTRO EU

Frodo pensava em sair na surdina para levar o Um Anel até Valfenda, tarefa difícil e arriscada. E aí que o pequenino descobre o valor da Amizade, pois seus amigos não só conseguiram descobrir todos os seus segredos, como estavam dispostos a trilhar a sua jornada e correr os riscos, que só ele devia correr, ao seu lado. É muito profunda a fala de Merry:

Pode confiar em nós para ficarmos juntos com você nos bons e maus momentos, até o mais amargo fim. E pode confiar também que guardaremos qualquer um dos seus segredos – melhor ainda do que você os guarda para si. Mas não pode confiar que deixaremos que enfrente problemas sozinho, e que vá embora sem dizer uma palavra. Somos seus amigos, Frodo. De qualquer modo, é isto: sabemos a maior parte do que Gandalf lhe disse. Sabemos muito sobre o Anel. Estamos com um medo terrível, mas iremos ao seu lado; seguiremos você como cães. (TOLKIEN, 2009a, p. 111).

Não há ao certo uma definição acertada do que seja a Amizade, porém, é bem comum entre os pensadores surgir a noção de que “o amigo é outro ‘si mesmo’” (ARISTÓTELES, 2015, p. 247)⁵². Apesar da forte carga poética, há nessa expressão a melhor definição daquilo que é uma Amizade. Afinal, a semelhança que os conduziu do companheirismo à Amizade, do mútuo reconhecimento do bem e da justa benevolência, é que faz o amigo ver a si mesmo no outro.

Muito se abordou nesse trabalho, como visto no tópico 3.3, sobre o desvelamento da própria interioridade para o amigo. Toda pessoa humana tem não só características extrínsecas, como traz em si sua própria interioridade, intimidade. “A intimidade indica um dentro que só a própria pessoa conhece. [...] Ninguém sabe nada de meus pensamentos, até que eu os diga. Possuir interioridade, um mundo interior aberto para

⁵² ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, I, 1166a, 31-32. A expressão em questão parece ser proverbial. A expressão parece ser proverbial, pois sempre é citada por pensadores como sendo algo já conhecido. O mesmo aponta Santo Agostinho em suas *Confissões*, ao lamentar a morte do amigo: “Disse muito bem quem definiu o amigo como metade da própria alma. Eu tinha de fato a sensação de que nossas duas almas fossem uma em dois corpos, e por isso eu detestava a vida, pois não queria viver partido ao meio, e temia a morte, talvez por não querer que morresse inteiramente aquele que eu tanto amara.” (AGOSTINHO, 2010, p. 94).

mim e oculto para os demais, é intimidade: uma abertura para dentro” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 62).

A pessoa humana possui capacidade de conhecer, possui sentimentos, memória e imaginação. É nessa intimidade que está a sua bondade, que se manifesta nos atos externos, mas está dentro. A virtude, a bondade e a justiça estão dentro do homem bom, em sua intimidade. Mas aí também estão os seus gostos, desejos, projetos e críticas, que tem só para si, mas quando resolve dá-los, revelar-se e encontrar alguém que compartilha desse mundo, então eles desvelam sua interioridade, sua intersubjetividade, e isso vem a ser a Amizade. “Mostrar-se a si mesmo e mostrar o que lhe ocorre é, de algum modo, dá-lo: outra marca característica da pessoa é a *capacidade de dar*. A pessoa humana é *efusiva*, capaz de tirar de si o que tem para dar ou presentear. Isso se vê especialmente na capacidade de amar.” (Ibid, p. 63, grifos do autor). É exatamente isso que acontece quando Merry afirma já conseguir adivinhar o que Frodo pensa, pois já adentrou sua interioridade.

Apesar de transmitir sua intersubjetividade ao amigo, é impossível ao homem sentir totalmente o que o outro tem dentro de si, pois a vivência é a única forma de conhecimento integral, mesmo assim, é possível ao amigo sentir as emoções do outro por meio da empatia (STORK; ECHEVARRÍA, 2005). O amigo, recebe as percepções do outro, passadas através da linguagem, e as interpreta dentro da sua própria habilidade emocional, sentindo o que o outro sente, mas dentro de sua própria interpretação. Amigos conversam, reparam em gestos e expressões (uma das muitas manifestações da linguagem) e absorvem essa manifestação da interioridade do outro como própria. É possível notar isto em expressões como “vai doer mais em mim do que em você” ou “eu sinto sua dor, sei o que está passando”. As ações de Sam demonstram uma extrema empatia com o fardo de seu mestre, mesmo antes que ele o tivesse levado.

Adentrando a interioridade do amigo, um molda o outro, ambos crescem juntos, numa espécie de jornada. A noção de amigo como um outro eu, como alguém que adentra a intimidade e alguém se dá, tem em si os princípios de qualquer explanação mais elaborada sobre a Amizade:

Os amigos se amam de verdade, interessam-se um pelo outro, e cada um deseja o bem do outro. Aceitam-se como são, com as suas qualidades e os seus defeitos. Ajudam-se a crescer como seres humanos. A sua resposta é incondicional diante de qualquer necessidade. O amigo se compromete a fazer tudo o que esteja ao seu alcance para conseguir que os seus amigos sejam felizes, que alcancem a plenitude a que estão chamados; no terreno espiritual, se tem fé, procura que os seus amigos se encontrem e se unam a Deus, máximo

bem que pode lhes oferecer. A decisão de buscar o bem do amigo é total, absoluta, incondicional. (UGARTE, 2015, p. 76).

Amigos se abrem um ao outro e geram um vínculo que os interligam. “Também a amizade entre os homens torna-se querida pelo vínculo suave que une muitas almas numa só.” (AGOSTINHO, 2010, p. 52). Os amigos passam a ser o maior tesouro do homem, e são tão bem conhecidos que é possível destaca-los em meio a uma multidão. A Raposa via no processo de Amizade, uma distinção do outro entre os demais: “Mas, se você me cativar, precisaremos um do outro. Você será para mim único no mundo. Eu serei para você única no mundo...” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 67).

É exatamente por essa particularidade que a Amizade, como foi exposto no tópico anterior, não se dá com muitos. “Talvez, por consequência, seja bom não procurar ter um grande número de amigos, mas somente uma quantidade suficiente para a vida em comum, pois parecerá que não é possível manter uma amizade sólida com muitas pessoas.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 263)⁵³.

O judaísmo prega o amor ao próximo como a si mesmo, e o cristianismo vai além, prega que a mais bela prova de amor é dar a vida pela a do amigo. Os dois imperativos têm tudo a ver com a Amizade, afinal, um homem bom sempre pensa no bem de seu amigo: “[...] o homem bom possui estes vários sentimentos em relação a si mesmo, e existe com seu amigo uma relação semelhante àquela que ele mantém consigo mesmo” (Ibid, p. 247)⁵⁴. Esse desejo da lei da Torá está no cerne de todos os homens, pois tem a ver com a justiça que, como exposto, é a virtude que conduz a Amizade. “A amizade tem muito a ver com a justiça, ainda que essa relação não costume ser levada muito em conta. Ser amigo implica ‘na constante e perpétua vontade de dar o que é seu ao amigo’, aquilo que merece por ser amigo, que é tudo.” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 163).

Porém, o cristianismo (a fé de Tolkien) trouxe uma inovação radical, querer o bem do amigo acima do seu⁵⁵. Aristóteles chegou perto, propondo como louvável o sacrifício pelo amigo: “Eles também se desfazem de suas riquezas, se seus inimigos puderem ganhar mais com isso” (ARISTÓTELES, 2015, p. 257)⁵⁶. Mas não chegou a propor o auto aniquilamento, pois isso vai além da justiça. Aqui falha a razão, mas, felizmente, a

⁵³ Ibid, I, 1171a, 8-10.

⁵⁴ Ibid, I, 1166a, 30-31.

⁵⁵ O amor cristão, o *ἀγάπη* donativo, não é amizade, pois é mais transcendente e mais abrangente, pois requer amor e sacrifício até aos inimigos. Quando se fala de amizade cristão, refere-se a *φιλία* neotestamentária que marca a relação de Jesus e seus discípulos. (BENTO XVI, 2008).

⁵⁶ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, I, 1169a, 26-27.

Literatura tem muito a ensinar, e é esse grande passo de amor pelo amigo a grande lição contida nas muitas páginas de *O Senhor dos Anéis*.

Samwise Gamgi ama seu amigo Frodo Bolseiro, e esse amor viril está disposto a sacrificar-se. Esse sacrifício já se principia no começo da viagem, quando Frodo reclama do peso da bagagem e Sam se mostra disposto a carregar o peso de seu amigo, mesmo já levando seu próprio fardo. “Consigo carregar bem mais, senhor. Minha mochila está bem leve – disse Sam, resoluto e *insincero*.” (TOLKIEN, 2009a, p. 72, grifos nossos). Esse trecho é um sinal daquilo que virá a acontecer já no final de tudo, em Mordor. Sam apresenta a mesma disposição auto sacrificante: “Vou chegar lá, mesmo que eu deixe tudo, exceto meus ossos, para trás – disse Sam. – E eu mesmo vou carregar o Sr. Frodo, mesmo que isso arrebe minhas costas e meu coração. Então, pare de discutir!” (Id, 2009c, p. 214). E esse desejo já manifesto no livro I e preservado até o último livro compõe um dos trechos mais belos da obra, onde Frodo (aniquilado pelo poder hediondo do Um Anel) só consegue salvar o mundo porque Sam o leva, tal como um Cireneu: “Venha, Sr. Frodo! – gritou ele. – Não posso carregar a coisa em seu lugar, as posso carregá-lo junto com ela. Então vamos subir! Venha, Sr. Frodo, meu querido! Sam vai lhe dar uma carona. É só dizer para onde ir, e ele irá.” (Ibid, p. 215).

Ao contrário do que disse Ives Gandra Martins Filho em um prefácio, não é a humildade a peça chave da obra de Tolkien. (In: CHESTERTON, 2001) É sem dúvidas uma chave importante, pois são os pequeninos e pacatos hobbits que destroem o temível mal que fizera cair reis e magos, mas é a Amizade que traz a salvação à Terra-Média. Pois o livro abre-se com a discórdia do Um Anel que trouxe a cobiça, onde um objeto material tem mais valor que vidas, e por ele se mata. “A aproximação para as coisas inanimadas não se chama amizade, pois não existe retorno na afeição.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 211)⁵⁷. O Um Anel é a causa da discórdia, é a anti-amizade. Mas seu poder é desfeito por amigos que se doam até o fim:

‘Então esse era o trabalho que senti que precisava desempenhar quando parti’, pensou Sam: ‘ajudar o Sr. Frodo até o último passo e depois morrer junto com ele? Bem, se esse era o seu trabalho, é melhor que eu o faça. Mas eu gostaria imensamente de rever Beirágua, e Rosinha Villa e seus irmãos, e o Feitor e Calêndula e todos eles. [...]’ (TOLKIEN, 2009c, p. 208).

A obra de Tolkien se dá desde o início pela Amizade, como bem profetizado por Gandalf: “Eu acho, Elrond, que nessa questão seria bom confiar mais na amizade deles

⁵⁷ Ibid, Θ, 1155b, 29.

do que na grande sabedoria.” (Id, 2009a, p. 293). Entre os hobbits Sam e Frodo (e Merry e Pippin) há uma unidade difícil de romper: “Realmente não! – disse Elrond, voltando-se para ele com um sorriso. – Pelo menos você deve ir com ele. É quase impossível separá-lo de Frodo, até mesmo quando ele é convocado para um conselho secreto, e você não.” (Ibid, p. 287). Essa unidade é mais do que um estar junto presencialmente (quando Pippin e Merry estavam afastados um do outro, um em Gondor e outro em Rohan, seus pensamentos ainda convergiam um para o outro), a unidade deles é exatamente ver no amigo, outro eu.

Desde o início de sua aventura, Frodo Bolseiro é aconselhado a não partir sozinho, mas com amigos. “Mas não acho que você precise ir só. Não se conhecer alguém em quem confia, e que esteja disposto a ir ao seu lado – e que você esteja disposto a levar a perigos desconhecidos. Mas se procurar um companheiro seja cuidadoso na escolha!” (Ibid, p. 65)⁵⁸. Não se pode vencer o mal só, o homem progride no bem com outro bom que o direciona. E mais: o ardor da longa e arriscada jornada pressupõe auxílio. “[...] a presença e amigos é agradável ao mesmo tempo na boa e na má sorte, pois as pessoas aflitas experimentam um alívio quando seus amigos compartilham de seus sofrimentos” (ARISTÓTELES, 2015, p. 264)⁵⁹.

Nessa necessidade de amigos, dá-se um conflito que perdurará por toda a caminhada, pois não só Sam, Pippin e Merry são amigos de Frodo como o mesmo se dá em sentido contrário. É inegável que os três hobbits são amigos de Frodo e estão dispostos a segui-lo mesmo em direção ao perigo: “Mas estamos com inveja de Sam, não de você. Se precisa ir, então será uma punição para qualquer um de nós ser deixado para trás, mesmo aqui em Valfenda. Viemos com você por uma longa estrada, e passamos maus pedaços. Queremos prosseguir.” (TOLKIEN, 2009a, p. 290). Mas se os pequeninos querem acompanhar Frodo, o Portador do Anel não quer a companhia deles. Isso é, da parte de Frodo, pouca Amizade? Há então uma desigualdade na relação dos hobbits? A resposta é dada por Aristóteles (2015, p. 265)⁶⁰:

Mas, por outro lado, perceber que um amigo sente uma aflição com nossos infortúnios é algo doloroso, pois todos evitam ser a causa de dor para seus amigos. É por isso que os homens de natureza viril se recusam a fazer com que seus amigos experimentem suas próprias dores, e a menos que ele seja insensível à dor, um homem com esse temperamento não suporta a dor que sua dor causa em seus amigos e, em geral, é ele

⁵⁸ É curioso notar que exatamente depois de Gandalf dar esse conselho a Frodo, o mago descobre Sam debaixo da janela, com se o autor quisesse deixar algo subtendido.

⁵⁹ Ibid, I, 1171a, 29-30.

⁶⁰ Ibid, I, 1171b, 5-11.

quem não admite que outros se lamentem com ele, pela razão de que ele próprio não está inclinado a lamentações.

Por também ser bom e por também amar seus amigos, Frodo, por sua vez, não quer que seus amigos corram perigo ou sofram por sua causa, ao que prefere partir sozinho do que ser causa de algum mal para aqueles que amam. Esse conflito se dá em toda a viagem até Valfenda e vai além. Quando o elfo Glorfindel coloca Frodo (ferido pelos nazgûl) em seu cavalo, que poderia conduzi-lo às pressas para Valfenda, onde estaria a salvo, Frodo se recusa, pois assim deixaria seus amigos para trás: “Não, ele não deve fazer isso! – disse Frodo. – Não vou montá-lo, se ele me levar para Valfenda ou qualquer outro lugar, deixando meus amigos para trás e em perigo.” (TOLKIEN, 2009a, p. 224). O que fica exposto que Frodo tem estima por seus amigos, mas o trecho mais significativo é quando decidiu abandonar a sociedade do Anel e partir sozinho (escondido) rumo a Mordor, mas é seguido por Sam:

- De todos os malditos estorvos, você é o pior, Sam! – disse ele.
- Ó, Sr. Frodo, isso é duro! – disse Sam tremendo. – Isso é duro, tentar ir embora sem mim e tudo mais. Se eu não tivesse adivinhado certo, onde o senhor estaria agora?
- A caminho e a salvo.
- A salvo! – disse Sam. – Completamente sozinho sem mim para ajudá-lo? Eu não agüentaria, seria a morte para mim.
- Seria a morte para você ir comigo, Sam – disse Frodo. – E eu não agüentaria isso.
- Não seria uma morte tão certa quanto a de ser deixado para trás – disse Sam.
- Mas estou indo para Mordor.
- Sei muito bem disso, Sr. Frodo. Claro que o senhor vai. E eu vou também. (Ibid, p. 432-433).

Frodo não quer que seus amigos sofram com o mal que caiu sobre ele, mas seus amigos, e sobretudo Sam, não fazem caso dos sofrimentos que vão passar, estão dispostos a ir ao auxílio do seu amigo, ainda que este se recuse em ser seguido, pois “seria conveniente que nós fossemos em socorro de nossos amigos na adversidade, sem esperar sermos chamados” (ARISTÓTELES, 2015, p. 265)⁶¹. O resultado é que Frodo reconhece o valor dessa entrega:

Todo o meu plano está arruinado! – disse Frodo. – Não adianta tentar escapar de você, mas estou feliz, Sam. Não consigo dizer como estou feliz. Venha! É óbvio que deveríamos ir juntos. Vamos, e que os outros encontrem uma estrada segura! Passolargo cuidará deles. Não acho que os veremos outra vez. (TOLKIEN, 2009a, p. 433).

⁶¹ Ibid, I, 1171a, 20.

Mas, no fim, como a presença do amigo nas dificuldades é um bálsamo, Frodo reconhece que, mesmo no que parecia ser a morte, a presença do amigo era reconfortante: “Estou contente por tê-lo comigo. Aqui, no fim de todas as coisas, Sam.” (Id, 2009c, p. 223). Trecho esse semelhante ao discurso do Pequeno Príncipe, diante da eminente morte sedenta no deserto: “É bom ter tido um amigo, mesmo se vamos morrer. Eu, de minha parte, estou bem feliz de ter tido uma amiga raposa...” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 76).

Sam arrisca-se por Frodo e vai até o fim com seu amigo. Sam está disposto até mesmo a levar o pior dos fardos, o Um Anel. “Mas o senhor está agora na terra de Mordor e, quando sair daqui, verá a Montanha de Fogo e tudo mais. Vai perceber que o Anel ficou muito perigoso agora, e muito difícil de carregar. Se for um trabalho difícil, posso dividi-lo com o senhor, quem sabe?” (TOLKIEN, 2009c, p. 183). Obviamente, Frodo se recusa, pois o Um Anel não aceita ser compartilhado, mas Sam não se importa, continua com Frodo e, com ele, salva o mundo. É próprio do bom amigo não só fazer o bem, mas fazer o bem através do amigo: “[...] pode também ser mais belo para ele tornar-se a causa da ação realizada por seu amigo do que ele mesmo realizá-la.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 257)⁶². Samwise Gamgi salvou a Terra-Média da forma mais bela: lealmente, através dos feitos do amigo, o que só é possível, pois o amigo é um outro eu.

O amigo é um outro eu, comunga da intimidade do homem bom e se ligam de tal forma que passam a prestarem-se mútuo auxílio, o amigo não nega auxílio ao outro e o que sofre não gosta que seu amigo sofra com ele, mas, sendo amigos de fato, o outro vem em seu socorro mesmo assim.

4.4 A POLÍTICA ARISTOTÉLICA

Em seu livro *Ética a Nicômaco*, Aristóteles ensina ao seu filho, Nicômaco, como ser feliz. O segredo da felicidade, para o Estagirita, está na virtude e no bom convívio na *πόλις*. (ARISTÓTELES, 2015). Sendo a Amizade um dos maiores bens que um homem pode possuir, ela deve ser indispensável para a felicidade e, por associação, para a vida na *πόλις*. De fato, para Aristóteles, o bom filosofar se faz com a *φιλία* (MARÍAS, 2015), sendo o filósofo um amigo do saber (para Platão é ser amante). A noção de Amizade em Aristóteles, portanto, possui vários matizes (como exposto) e um deles é a Amizade política. “A amizade que une os membros de uma cidade ou uma tribo ou companheiros de viagem, e todas as outras classes do tipo, aproximam-se mais das amizades que

⁶² Ibid, I, 1169a, 34.

caracterizam os membros de uma comunidade, pois elas parecem basear-se, por assim dizer, em uma convenção determinada.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 230)⁶³.

A Amizade é uma virtude própria do homem bom, esta virtude estabelece uma relação de amor que pode ter diferentes níveis de proximidade. O nível máximo é a Amizade no seu sentido mais perfeito, a amizade propriamente dita, uma “Relação estável de amizade pessoal e ‘privada’” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 161). Ao passo que o nível mínimo, mas ainda assim dentro da justiça e benevolência é aquela que permite o bom convívio, é o que pode-se chamar de “Amizade cívica” (Ibid, p. 161). Também essa é uma relação amigável e permite a paz interna e externa.

Aristóteles acredita que a felicidade se dá no bom convívio social, pois “o homem é um ser político e naturalmente feito para viver em sociedade.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 258)⁶⁴. E a amizade, ainda que no grau mínimo, é a relação social no seu nível mais excelente, pois é justa. “E quando os homens são amigos não há necessidade de justiça, enquanto os justos têm necessidade de amizade, e a mais alta expressão da justiça parece ser uma marca de amizade.” (Ibid, p. 210)⁶⁵. Se os homens fossem amigos, não haveriam conflitos sociais, não se precisariam de órgãos que resolvessem a contenda, mas como os homens não são amigos, há contendas e órgãos legais.

A perda da amizade acarreta na perda da justiça. Uma sociedade sem amizade só pode resolver seus conflitos mediante os tribunais e os advogados, e não mediante o diálogo e a concórdia: aparece então uma ‘judicialização’ da vida social e uma tendência progressiva em direção à violência pois tudo se torna litígio. (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 163).

Frodo Bolseiro não era apenas um hobbit de muitos amigos, ele possui relações políticas amigáveis, tanto com o rei Aragorn, quanto com os elfos. “Nomeio-o amigo-dos-elfos, e que as estrelas brilhem sobre o final de seu caminho!” (TOLKIEN, 2009a, p. 87). Essa Amizade com os elfos vai lhe garantir um ingresso em um navio nos portos cinzentos do qual partirá para as terras do oeste (privilégio exclusivo dos imortais elfos), onde não mais sofrerá com as cicatrizes que a lâmina nazgûl e o fardo do Um Anel lhe deixaram.

Se no seu grau máximo, a Amizade só se dá com poucos, no seu grau mínimo ele pode se dar com muitos homens. “Para a amizade entre concidadãos, é seguramente possível ser ligado com um grande número entre eles, sem ser, no entanto, prestativo, mas

⁶³ Ibid, Θ, 1161b, 15-16.

⁶⁴ Ibid, I, 1169b, 18-19.

⁶⁵ Ibid, Θ, 1155a, 27-28.

sim um homem verdadeiramente bom.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 263)⁶⁶. A Amizade cívica pode ser tanto entre concidadãos como povos, como o reino de Rohan que presta auxílio ao de Gondor na guerra final.

Se a Amizade se dá em um ponto comum, a Amizade cívica se dá no sentimento patriótico que reúne todos sob uma mesma bandeira ou, no caso de reinos distintos, o desejo de paz. “Parece, portanto, manifesto que a conformidade de opinião é uma amizade política de acordo com o sentido ordinário do termo, pois ela tem influência sobre nossos interesses e as coisas que se relacionam à vida.” (Ibid, p. 251)⁶⁷. Esse sentimento que estabelece alguma relação é que permite a paz. Foi o temor do mal que marchava de Mordor (e Isengard) que uniu todos os povos livres: homens, elfos, hobbits, anões, ents e águias, todos batalharam juntos contra o mal que era comandado nas duas torres: Barad-dûr e Orthanc. “[...] o homem bom frequentemente age no interesse de seus amigos e de sua pátria, dando sua vida por eles, pois ele sacrificará sua riqueza, suas honras e, de modo geral, todos os bens que os homens disputam, conservando para si a nobreza das ações” (Ibid, p. 257)⁶⁸. É importante observar que Tolkien insiste na participação de ao menos um dos povos livres em cada questão: homem, elfo, anão e hobbit compõe a sociedade do Anel, para que todos os povos sejam representados. Na batalha “suicida” diante dos portões de Mordor, Pippin deve ir para que os hobbits sejam representados. É de fato importante constar nos registros da Terra-Média que a paz foi conquista de todos os povos de bem (o que exclui orcs, wargs, trolls e outras criaturas nefastas).

Faz-se ressaltar também que a política do Condado se demonstra como uma política de relações amigáveis. A forma como a economia se dá na terra dos hobbits é semelhante ao modelo econômico criado por G. K. Chesterton e seu amigo Hilaire Belloc chamado Distributismo. Que pode ser definido como “uma simples questão de credulidade católica em contos de fadas.” (CHESTERTON, 2016, p. 13).

O Distributismo prega que cada indivíduo deve ser dono dos seus próprios meios de subsistência, sendo livres para comercializar informalmente. No Condado, o Distributismo se dá porque cada hobbit tem suas terras, cultiva seus próprios alimentos, e trocam entre eles serviços. Sam trabalha no jardim de Frodo, mas não é servo deste, só desempenha um serviço, mas tem em sua casa, com seu pai, sua plantação de batatas. É exatamente o plano de Chesterton:

⁶⁶ Ibid, I, 1171a, 17-18.

⁶⁷ Ibid, I, 1167b, 3-4.

⁶⁸ Ibid, I, 1169a, 19-20.

Parece-me parte de nosso ideal, e não apenas de nosso compromisso, que haja em nossa comunidade um tipo de núcleo, não apenas de simplicidade, mas também e completude. Aí se pode dar, então, às trocas e variações seus lugares devidos; como os tinham no antigo mundo das feiras e mercados. Mas haveria, em algum lugar no centro da civilização, um tipo realmente independente; no sentido de produzir e consumir dentro de seu próprio círculo social. (CHESTERTON, 2016, p. 119-120).

Cada hobbit vive de forma abastada, tendo tempo para contemplar a natureza e fumar cachimbo. Em suas relações políticas amigáveis, contam histórias e cantam canções. São cidadãos bons e justos: há paz no Condado. “Um camponês realmente vive, não apenas uma vida simples, mas também uma vida completa. Ela pode ser bastante simples em sua completude, mas a comunidade, mas a comunidade não se faz completa em essa completude.” (CHESTERTON, 2016, p. 114).

É Saruman que trará confusões para a terra dos hobbits ao levar máquinas modernas que poluem o meio ambiente e das quais apenas ele é o dono, ele colocará muros e criará impostos, criando um serviço militar e trazendo dependência aos hobbits. Até que os quatro hobbits protagonistas retornem e expurguem o mago e os seus das suas terras, fazendo tudo voltar a ser como era. Uma elegante crítica de Tolkien à Inglaterra pós-Revolução Industrial.

Por fim, a Amizade política também se dá quando grandes amizades particulares inferem na ordem política. Todas as grandes revoluções (para o bem ou para o mal) foram feitas por um grupo de amigos (não importando aqui o grau de Amizade) juntos. “Os pequenos grupos de Amigos que dão as costas ao ‘Mundo’ são aqueles que realmente o transformam.” (LEWIS, 2017, p. 97). Pois, saindo do gregário, Amigos podem mudar o grupo. E se isso pode ocorrer para o mal, também boas Amizades podem mudar o mundo. Assim foi com o disforme monstro “Chesterbelloc”, como a crítica se referia aos grandes amigos Chesterton e Belloc; assim foi com Tolkien, Lewis e o seu grupo de amigos conhecidos como Inklings que revolucionaram a literatura fantástica moderna; assim o pequeno grupo de hobbits salvaram a Terra-Média.

Em suma, a Amizade é uma virtude e baseia-se na justiça, dando a cada um o que lhe é devido, e ao bom amigo todo bem é devido, sobretudo o próprio bem. A virtude da Amizade leva ao amor do amigo, um amor benevolente e recíproco. A verdadeira Amizade é fonte de alegria e amparo na dor, mas também ajuda a crescer em virtudes. A Amizade não é algo instantâneo e artificial, mas vai se dando paulatinamente quando companheiros de atividades descobrem gostos semelhantes, assim vão se unindo por essa atividade e revelando seus mundos interiores uns aos outros. No mais alto grau, essa

relação torna-se Amizade no sentido mais pleno, onde o amigo é um outro eu, sendo necessário ao homem bom vir ao seu socorro sempre que preciso. A relação de paz se dá quando homens bons vivem de forma amigável, unidos pelo seu amor à pátria e à paz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo principal demonstrar a importância da amizade para a humanidade, demonstrando por meio da obra *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, os aspectos e características que lhe tange. Assim sendo, obteve-se uma prova prática da tese de que Literatura e Filosofia traçam um estreito diálogo e juntas podem cooperar na busca para a uma melhor compreensão do homem e dos seus desejos e receios. Afinal, afirma São Basílio de Cesárea (2012, p. 42): “Quase todos que escreveram sobre a sabedoria louvaram a virtude, cada um à sua maneira”.

E por que entrelaçar a arte poética com a busca pela razão? Ora, a Literatura pode trazer uma vivência que não é possível ao discurso lógico e dialético. Quando se deixa permear pela poesia, marca necessária em toda boa Literatura, seja em poema ou prosa, passa-se a ver o mundo com olhos de admiração. Essa admiração, pensava G. K. Chesterton, é necessária para poder falar das coisas e suas últimas causas com o devido cuidado que lhes são devidas, pois são únicas, verdadeiras e boas, são distintas do observador. Tanto o filósofo quanto o poeta se ocupam da mesma coisa, do *mirandum*, ou como diria Chesterton, do *wondering*. E a célebre obra de Tolkien está cheia dessa admiração.

Ao interpretar a Amizade como “chave mágica” da obra *O Senhor dos Anéis*, como se se abrisse os portões de Moria, o leitor pode compreender que é essa a poderosa força que mantém o mundo nos eixos. É a Amizade dos três povos, elfos, homens e anões, que mantém as trevas dos orcs, arquétipos da inimizade com os outros e entre si, fora das fronteiras; é a Amizade dos membros da sociedade do anel que mantém a comitiva resistente diante de perigos como lobos e balrogs, mas sua perda de amizade traz sua dissolução; é a Amizade de Merry e Pippin, entre eles e dos dois para com os entes, que traz a ruína de Saruman; é a Amizade de Frodo e Sam que traz a salvação para a terceira era, extinguindo-se a opressão e Sauron. De fato, tudo nessa obra é sobre a Amizade, ela literalmente começa e termina entre amigos: inicia-se com Bilbo cercado de jovens hobbits que amavam suas histórias e termina com três hobbits tristes, cavalgando de volta para o Condado, após terem se despedido (para sempre) de seu amado amigo Frodo Bolseiro, mas Sam, Pippin e Merry conseguem resistir a dor por que cavalgam juntos, um se apoiando na presença do outro, como aconselhou Gandalf: “[...] será melhor cavalgar para casa com dois amigos do que sozinho.” (TOLKIEN, 2009c, p. 314).

A partir de tudo que foi exposto, fica evidente que a trilogia de Tolkien (pensada como um único livro, mas dividida em três pelos editores) é uma obra sobre a Amizade,

sua necessidade e capacidade, o que ela é e o que ela não é. A Amizade é portanto um processo que se dá a partir de um ponto comum, que vai ser força motriz para a descoberta de novos pontos comuns que vão estreitando e fortificando a relação até se tornar a Amizade propriamente dita. Tamanha é a identificação com o amigo que já não se busca o próprio bem, mas o bem dele mesmo. Esse processo de dedicação ao semelhante (o outro eu) é enriquecedor em si, além disso é recíproco.

Mas por que se admirar com um objeto cuja magnificência seja tão perceptível? Em primeiro lugar, são as coisas mais óbvias que se devem admirar primeiro, pois a existência evidente é de per si fabulosa, só então se tem base para admiração do que é mais misterioso; em segundo lugar, porque mesmo que a bondade da Amizade seja tão explícita, não se a vive corretamente e na insanidade em que se meteu a sociedade pós-contemporânea, nunca se precisou tanto de viver uma verdadeira Amizade.

Quantas virtudes poderão ser construídas ao lado de bons amigos; o quanto bons amigos podem fazer juntos, mudar o mundo talvez; quantas dores podem ser suavizadas por um ombro amigo e quantas alegrias multiplicadas pela presença afável. É evidente que todos os homens necessitam de amigos, mas parar para refletir sobre isso torna a Amizade algo admirável, este é o papel do poeta e do filósofo.

É claro, muitas pessoas deveriam ter a experiência da Amizade e não a têm, e nunca antes teve-se uma crise tão grande de relação como na sociedade hodierna, mas é exatamente por isso que o admirar-se, o *wondering*, faz-se necessário, para que as coisas banais e esquecidas, voltem a ser valorizadas com o devido valor.

Não é possível definir com exatidão tudo que seja a Amizade, não é possível fazê-lo em muitos tomos e muito menos em uma fórmula compacta. A melhor maneira de se apresentar uma Amizade é, portanto, apresentando uma vivência, meio este que a Literatura permite. Mas ainda que a experiência literária seja a melhor forma de apresentá-la, a melhor forma de se conhecer de fato o que é a Amizade é vivendo por si mesmo, experimentando. Afinal, a Amizade não é um ente abstrato, mas uma experiência relacional viva e dinâmica.

Por muito que se possa dizer sobre a Amizade, e este trabalho trouxe muitas ideias diferentes e complementares sobre ela, não se poderá abarcar tudo que é possível de se tratar sobre este assunto. Muitas outras reflexões poderão ser feitas sobre a Amizade, sobretudo a partir de como ela é apresentada em outras obras literárias. Muitas outras reflexões poderão ser feitas entre assuntos filosóficos e suas representações na Literatura. Muitas outras pesquisas poderão ser feitas sobre o bom senso, repleto de sabedoria, de *O Senhor dos Anéis*.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DE HIPONA. *A Trindade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *Confissões*. 22. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- ARISTÓTELES DE ESTAGIRA. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*: do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão. 8. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias dos deuses e heróis*. 34. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BASÍLIO DE CESARÉIA. *Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã*. Campinas: Ecclesiae, 2012.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *O Defensor; Tipos Variados*. São Paulo: Ecclesiae, 2015.
- _____. *Ortodoxia*. São Paulo: LTR, 2001.
- _____. *Tremendas Trivialidades*. São Paulo: Ecclesiae, 2012.
- _____. *Um esboço da sanidade: Pequeno manual do Distributismo*. São Paulo: Ecclesiae, 2016.
- DURIEZ, Colin. *J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- EDWARDS, Raymond. *J. R. R. Tolkien: his life, work and faith*. London: Catholic Truth Society, 2012.
- GUROIAN, Vigen. *Tending the Heart of Virtue: how classic stories awaken a child's moral imagination*. Oxford: University Press, 1998.
- LEWIS, Clive Staples. *Os quatro amores*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- MARÍAS, Julián. *História da Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2015.
- MARTINS-FILHO, Ives Gandra. *Ética e Ficção: de Aristóteles a Tolkien*. 2. ed. Rio de Janeiro: GZ, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra*. São Paulo: Escala, 2013.
- PAINE, Scott Randall. *Chesterton e o Universo*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe: com as aquarelas do autor*. Petrópolis: Vozes, 2015.

SHAKEASPARE, William. *Hamlet, Rei Lear, Macbeth*. São Paulo: Abril, 2010.

STORK, RicardoYepes; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. *Fundamentos de Antropologia: um ideal de excelência humana*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2005.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Árvore e Folha*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. *O senhor dos anéis: a sociedade do anel*. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

_____. *O senhor dos anéis: as duas torres*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

_____. *O senhor dos anéis: o retorno do rei*. São Paulo: Martins Fontes, 2009c.

UGARTE, Francisco. *A Arte da Amizade*. São Paulo: Quadrante, 2015.

WHITE, Michael. *J. R. R. Tolkien: o senhor da fantasia*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2013.

WOJTYLA, Karol. *Amor e Responsabilidade*. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.